

**JOEL DA SILVA FONSECA JUNIOR
FERNANDO ROCHA FARIAS
FABRÍCIO PEREIRA MAGALHÃES
BRUNO ARRUDA TORRES
DANIEL DE MORAES OLIVEIRA
FLUVIO BUBOLZ**



**DIREITOS HUMANOS E JORNALISMO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE 'A
ALMA ENCANTADORA DAS RUAS'
DE JOÃO DO RIO**



1ª Edição

ISBN - 978-65-6054-006-4

SÃO PAULO | 2023

**JOEL DA SILVA FONSECA JUNIOR
FERNANDO ROCHA FARIAS
FABRÍCIO PEREIRA MAGALHÃES
BRUNO ARRUDA TORRES
DANIEL DE MORAES OLIVEIRA
FLUVIO BUBOLZ**



**DIREITOS HUMANOS E JORNALISMO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE 'A
ALMA ENCANTADORA DAS RUAS'
DE JOÃO DO RIO**



1ª Edição

ISBN - 978-65-6054-006-4

SÃO PAULO | 2023

1.^a edição

**DIREITOS HUMANOS E JORNALISMO: UM ESTUDO DE
CASO SOBRE ‘A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS’ DE JOÃO
DO RIO**

ISBN- 978-65-6054-006-4



Autores

Joel da Silva Fonseca Junior

Fernando Rocha Farias

Fabrcio Pereira Magalhães

Bruno Arruda Torres

Daniel de Moraes Oliveira

Fluvio Bubolz

DIREITOS HUMANOS E JORNALISMO: UM ESTUDO DE
CASO SOBRE ‘A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS’ DE
JOÃO DO RIO

1.^a edição

SÃO PAULO
EDITORA ARCHE
2023

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY-NC 4.0).



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D598 Direitos humanos e jornalismo [livro eletrônico] : um estudo de caso sobre 'A alma encantadora das ruas' de João do Rio / Joel da Silva Fonseca Junior... [et al.]. – São Paulo, SP: Arche, 2023. 122 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-6054-006-4

1. Direitos humanos. 2. Jornalismo literário. 3. João, do Rio, 1881-1921. A alma encantadora das ruas – Crítica e interpretação. I. Fonseca Junior, Joel da Silva. II. Farias, Fernando Rocha. III. Magalhães, Fabrício Pereira. IV. Torres, Bruno Arruda. V. Oliveira, Daniel de Moraes. VI. Bubolz, Fluvio.

CDD 070.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista REASE chancelada pela Editora Arche.
São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>
contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição- *Copyright*© 2023 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria de Lima n.º 1.384 — Jardim Paulistano.

CEP: 01452-002 — São Paulo — SP.

Tel.: 55(11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br/rease>

contato@periodicorease.pro.br

Editora: Dra. Patrícia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos

Ilustrações: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

EQUIPE DE EDITORES

EDITORA- CHEFE

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

CONSELHO EDITORIAL

Doutorando. Avzetê de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhama- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul- Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SPSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Fajardo- Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albardonedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt – MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

APRESENTAÇÃO

O seguinte trabalho terá como assunto principal o Jornalismo Literário. Será uma pesquisa exploratória, que terá como objeto de estudo reportagens produzidas por João do Rio, em sua obra ‘A Alma Encantadora das Ruas’. A proposta central será analisar três textos do livro, sob a perspectiva da ‘Estrela de Sete Pontas’. A ‘Estrela’ foi desenvolvida pelo autor Felipe Pena (2008), e tem por objetivo identificar elementos imprescindíveis presentes nas narrativas jornalístico-literárias.

O objetivo aqui não é verificar se o trabalho realizado por João do Rio se enquadra nas definições de Jornalismo Literário, pois isto já é sabido. O propósito é explorar os textos do autor, analisando as especificidades das narrativas através da ‘Estrela’, e dessa forma, concomitantemente, experimentar as categorias de Pena (2008), para verificar sua validade teórica e, assim, as propor com técnica de análise.

Para tanto, o trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro abordará o jornalismo de forma abrangente, elencando tópicos como: a definição e a função da atividade na sociedade, a história e as diferentes narrativas. Nesse capítulo os principais autores que serão utilizados são: Bahia (1990), Marcondes Filho (2001), Pena (2013), Sousa (2008), Traquina (2012).

Para compreender melhor sobre o tema central deste trabalho, e baseado em autores como Lima (1993), Vilas Boas (2008), Pena (2008), Talese (2004), e outros, o segundo capítulo retratará especificamente o Jornalismo Literário, revisando sobre: histórico, definições, características, formatos e principais autores. O terceiro capítulo será destinado à análise das reportagens ‘Os tatuadores’, ‘Os trabalhadores de estiva’, e ‘A galeria superior’, publicadas originalmente entre 1904 e 1907, no jornal ‘Gazeta de Notícias’ e na revista ‘Kosmos’.

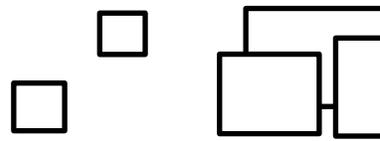
Este trabalho foi motivado pela tentativa de compreender de forma mais contundente sobre Jornalismo Literário e a forma como ele é desenvolvido, já que o ‘gênero’ é pouco estudado na graduação, e é notável sua importância para os profissionais que decidem ultrapassar as barreiras do jornalismo convencional e se aventurarem numa narrativa híbrida, dinâmica e criativa.

Os autores

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	14
JORNALISMO.....	14
CAPÍTULO 2	33
JORNALISMO LITERÁRIO	33
CAPÍTULO 3	47
ESTUDO DE CASO	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS.....	101
ÍNDICE REMISSIVO	114

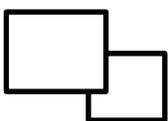
**DIREITOS HUMANOS E JORNALISMO: UM ESTUDO DE
CASO SOBRE 'A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS' DE JOÃO
DO RIO**

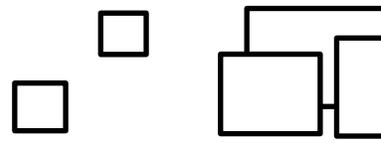


RESUMO

O presente trabalho trata, sobretudo, de um estudo exploratório sobre o Jornalismo Literário. Parti-se de uma revisão bibliográfica sobre o Jornalismo e o Jornalismo Literário, na qual são salientadas a evolução histórica de ambas, assim como as diferentes narrativas, teorias e conceitos. Esse referencial é relevante na medida em que proporciona o embasamento necessário para realizar a análise das reportagens da obra ‘A Alma Encantadora das Ruas’, de João do Rio, sob a perspectiva da ‘Estrela de Sete Pontas’ (PENA, 2008). Cada uma das pontas indicadas por Pena sugere uma idiossincrasia do produto híbrido que nasce do profícuo encontro entre literatura e jornalismo. Neste trabalho, a ‘Estrela’ será utilizada como parâmetro de análise de três reportagens selecionadas à constituição do corpus. Assim, o objetivo do presente estudo é explorar um produto jornalístico que rompe com as amarras da técnica jornalística, o texto jornalístico-literário, e, concomitantemente, propor a adoção da “Estrela de sete pontas” como instrumento de análise desse tipo de narrativa.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo Literário. João do Rio. Estrela de Sete Pontas

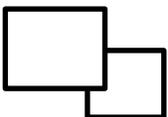




ABSTRACT

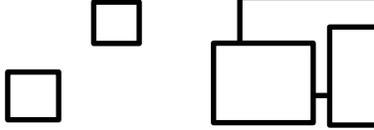
This work primarily focuses on an exploratory study of Literary Journalism. It begins with a literature review on Journalism and Literary Journalism, highlighting their historical evolution as well as different narratives, theories, and concepts. This framework is relevant as it provides the necessary foundation for analyzing the reports in the work 'A Alma Encantadora das Ruas' by João do Rio from the perspective of the 'Star with Seven Points' (PENA, 2008). Each point indicated by Pena suggests an idiosyncrasy of the hybrid product born from the productive intersection of literature and journalism. In this study, the 'Star' will be used as a parameter for analyzing three selected reports that constitute the corpus. Thus, the objective of this study is to explore a journalistic product that breaks free from the constraints of journalistic technique, the literary journalistic text, and simultaneously propose the adoption of the "Star with Seven Points" as an analytical tool for this type of narrative.

Keywords: Journalism. Literary Journalism. João do Rio. Star with Seven Points.



CAPÍTULO 01

JORNALISMO

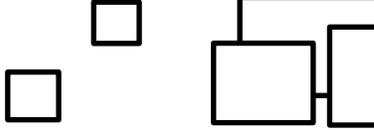


1 JORNALISMO

Este capítulo abordará o campo jornalístico e suas definições, suas funções, seu contexto histórico e os tipos de narrativas jornalísticas, pois, para melhor compreender o jornalismo literário –, escopo deste estudo - é necessário, antes, apresentar um panorama da grande área na qual ele está inserido.

Pode-se definir jornalismo como uma forma de comunicação em sociedade (SOUSA, 2001). Uma atividade social importante exercida por grande parte dos Estados Democráticos, mas com diferentes características e formas de atuação dentro de cada comunidade. O professor e autor Nelson Traquina (2012), de maneira mais abrangente e poética, define o jornalismo como a representação da vida: “É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte [...]” (p.19).

Para compreender melhor o que é jornalismo, se faz necessário estabelecer, antes, quais são as suas funções. Essas variam consideravelmente entre as sociedades democráticas e as de regimes totalitários. Nos regimes totalitários, nos quais não há liberdade de expor livremente ideias e opiniões e não há, por consequência, liberdade da prática jornalística, Traquina (2012) resume a função do jornalismo em apenas uma propaganda política a serviço do poder instalado. Já nos estados democráticos, para o autor, o jornalismo tem o seguinte papel:



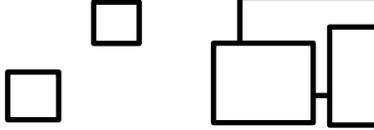
Os pais fundadores da teoria democrática têm insistido, desde o filósofo Milton, na liberdade como sendo essencial para a troca de idéias e opiniões, e reservaram ao jornalismo não apenas o papel de informar os cidadãos, mas também, num quadro de *checks and balances* (divisão do poder entre poderes), a responsabilidade de ser o guardião (*watchdog*) do governo (2012, p. 23).

O professor Jorge Pedro Sousa também relaciona a função do jornalismo, no regime democrático, à responsabilidade de fiscalizar os poderes. Poderes aqui entendidos como todos os agentes que exercem influência direta na sociedade, como, por exemplo, os agentes políticos e os agentes econômicos:

A principal função do jornalismo, nos estados democráticos de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes. Esta vigilância exerce-se através da difusão pública de informação (2001, p. 13).

Mas a função do jornalismo vai além da vigilância da atuação dos agentes de poder. Sousa (2011) também define como papel importante qualquer informação útil, relevante para o público, sejam notícias esportivas, científicas, sobre moda, cultura, entretenimento, casos de polícia, etc. Para o autor, o jornalismo também pode assumir diferentes papéis em variados contextos, ou seja, um jornal local, por exemplo, assume funções distintas de um regional. A produção jornalística e o público de um jornal impresso são distintos dos de uma revista informativa. O jornalismo generalista é distinto do especializado. O jornalismo feito aqui no Brasil, por exemplo, é distinto do produzido em Portugal ou nos Estados Unidos. Portanto, o jornalismo é:

[...] uma modalidade de comunicação social rica e diversificada. Não há um jornalismo. Há ‘vários’



jornalimos, porque também há vários órgãos jornalísticos, vários jornalistas, várias pessoas que podem ser equiparadas a jornalistas, vários contextos em que se faz jornalismo (SOUSA, 2011, p. 15).

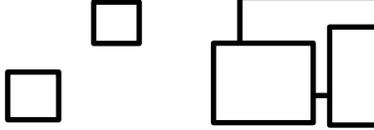
Por fim, pode-se dizer que a atividade jornalística é complexa e com variadas definições, não sendo possível encontrar um único conceito para caracterizá-la. Jornalismo, sintetizando, é uma atividade a serviço da sociedade, para informá-la, formá-la e algumas vezes entretê-la, além de fomentar discussões e reflexões sobre fatos relevantes e polêmicos da atualidade.

Como última forma de conceituar o jornalismo, pode-se afirmar, segundo Felipe Pena (2013), que a essência do jornalismo está no medo. As pessoas têm medo do desconhecido, e buscam no jornalismo duas características que elas não possuem: a onisciência e a onipotência. Não podendo estar em todos os lugares, não conseguem saber de tudo que os interessa. O jornalismo lhes proporciona essa segurança, sendo seus olhos e ouvidos, pois o desconhecido os assusta.

Após serem exploradas algumas definições e funções do campo jornalístico - fundamentando-se nos autores Sousa, Traquina e Pena -, os próximos subtítulos terão como objetivo contextualizá-lo historicamente e analisar as narrativas jornalísticas que se consolidaram ao longo da história, como a narrativa literário-opinativa e a informativa.

1.1 Breve histórico do jornalismo

Este subtítulo abordará o contexto histórico do jornalismo,

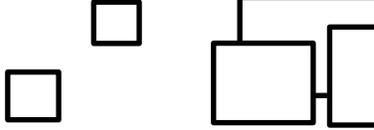


expondo sua progressão ao longo da história e, também, observando os momentos nos quais o jornalismo literário se desenvolveu. É difícil mensurar onde e quando, exatamente, surgiu o jornalismo. Contudo, aderindo à proposta de Pena, pode-se considerar que a primeira forma de comunicação considerada jornalística surgiu no Império Romano, por volta de 69 A.C., e se chamava *Acta Diurna Populi Romani*. As notícias eram escritas em grandes placas brancas e expostas em locais públicos. Conforme explica o autor:

[...] os romanos escreviam a *Acta Diurna*, relato diário do que acontecia no Senado e na vida social e política do Império. Sob certa perspectiva, poderíamos até considerar esses relatos como uma forma de jornalismo, pois têm periodicidade e identidade (2013, p.27).

Nota-se que a periodicidade e a identidade, além do caráter informativo e a publicidade, são características que o autor salientou para identificar essa, que pode ser considerada a primeira forma de atividade jornalística. Segundo Sousa, com a formação de centros urbanos pelo mundo, alguns jornais artesanais, escritos à mão e não periódicos surgiram, por exemplo, na China por volta do século VIII e em Veneza com as *Letteri d'avisì* no século XIV e XV. Contudo, foi com o advento e expansão da prensa gráfica, por Johann Gutenberg, por volta de 1444 e 1456, que os jornais impressos começaram a se expandir e a ficarem mais populares. Conforme expõe o autor,

Johann Gensfleisch zum Gutenberg, nascido em Magúncia, na Renânia (Alemanha), no seio de uma família de artífices, foi um desses inventores renascentistas que procuraram, com o seu engenho,

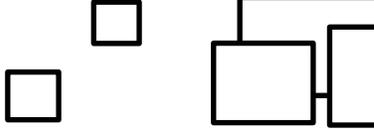


alcançar a riqueza e o bem-estar para si e para os seus. Não logrou alcançar a riqueza, e talvez não tenha tido tempo para se aperceber da revolução que o seu invento iria originar, mas o sistema tipográfico que inventou deu à humanidade um futuro melhor, abrindo condições para o aparecimento e para o sucesso da indústria jornalística (2008, p.69).

A invenção de Gutenberg, além de impulsionar a atividade jornalística, consolidou uma maneira de transmitir, qualquer mensagem, escrita fielmente, à distância, para um grande número de indivíduos e a baixo custo. Em 1500 já existiam 73 tipografias na Itália, 50 no Sacro Império Romano Germânico, 45 na França, quatro na Inglaterra e pelo menos vinte na Península Ibérica (SOUSA, 2008).

Após a criação e difusão da prensa gráfica, que consequentemente proporcionou a evolução e expansão dos jornais, o jornalismo passou por diversas fases. Marcondes Filho (2001) dividiu a história do jornalismo, após a invenção da imprensa, em cinco fases, desde a pré-história do jornalismo (de 1631 a 1789) até o momento, considerado o quarto jornalismo.

A primeira fase, a Pré-história do Jornalismo (1631-1789), foi marcada pela iniciativa isolada e artesanal. A produção se assemelhava a um livro e as pautas retratavam desastres, mortes, pessoas deformadas e a monarquia. A segunda fase é denominada Primeiro Jornalismo (1789 - 1830). Foi caracterizada pelo conteúdo literário e político, produzido por escritores, políticos e intelectuais de diversos segmentos. Nesse período, os jornais priorizavam a informação, a crítica e a formação pedagógica e política, os fins econômicos não eram o foco.

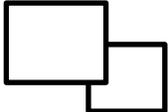


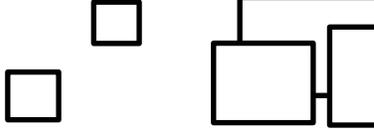
O Segundo Jornalismo (1830 - 1900) foi caracterizado principalmente pelo início da imprensa de massa, pela profissionalização dos jornalistas, e por uma maior valorização do lucro com a atividade. Os avanços tecnológicos, assim como o capitalismo, influenciaram diretamente o trabalho dos agentes jornalísticos: surgiram o telefone, o telégrafo, a mecânica por linotipos e o processo de produção de jornais em massa. A publicidade e a propaganda ganharam espaços nos jornais, pois o lucro começou ser uma das prioridades.

Entre 1900 e 1960, Marcondes Filho (2001) apontou um Terceiro Jornalismo. Uma fase marcada por fortes grupos editoriais que monopolizaram o mercado, por grandes tiragens, grandes rubricas políticas e literárias e pela influência das relações-públicas e da publicidade. Surgiram também editoriais especializados, como: esporte, cinema, rádio, teatro, turismo, infantil, feminina etc.

Por fim, o Quarto Jornalismo. Essa fase se iniciou por volta de 1970 e, segundo o autor, continuaria até o presente. Traz como peculiaridade a informação eletrônica e interativa, assim como mudanças no papel do jornalista. Os grandes avanços tecnológicos influenciam diretamente o trabalho jornalístico, pois as tecnologias de comunicação e informação também evoluem, surgindo meios de comunicação antes desconhecidos, como os sites de redes sociais, portais e sites de notícias, etc. Como consequência dessa evolução, algumas características e fatos surgem no contexto jornalístico, entre eles: a valorização do visual, muita velocidade na transmissão de informações e crise no jornalismo impresso.

Conforme foi visto, segundo os autores citados, o jornalismo

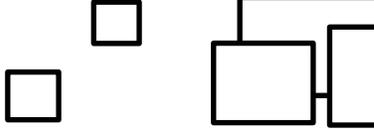




é uma atividade mutável, que se transformou e, continua a se transformar, adaptando-se sempre à realidade social na qual está inserido. Um dos fatores que influenciou a forma como o jornalismo é produzido hoje, em comparação com o de outrora, foi a industrialização e o capitalismo, além da evolução tecnológica e digital. Para compreender melhor como eram elaborados os textos jornalísticos, em contrapartida, das formas como são hoje e, para também distinguir o jornalismo convencional, informativo, do literário, o próximo subtítulo tratará sobre as diferentes narrativas jornalísticas, do Lide e da Pirâmide Invertida.

1.2 Narrativas jornalísticas, lide, pirâmide invertida e os critérios de noticiabilidade

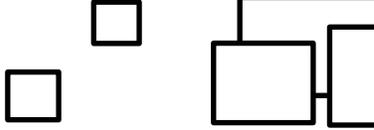
Narrativa, segundo o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras, tem como definições: “1. Exposição oral ou escrita de um fato, uma série de fatos, uma história etc.: *O núcleo de um poema é uma narrativa*. 2. Modo de narrar: *A narrativa foi atropelada por perguntas e exclamações*” (2008, p. 895). Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, narração “é a ordenação dos fatos, de natureza diversa, externos ao relator. No texto comunicativo, os acontecimentos, situados no nível de uma sequência temporal, constituem uma narrativa” (1977, p. 77). O objetivo desta subseção do trabalho é identificar as diversas formas narrativas – modos de narrar – das quais o jornalismo se apropriou ao longo de sua trajetória, além de revisar alguns elementos que as constituem, como o Lide, a Pirâmide Invertida, e os critérios de noticiabilidade, que são integrantes na construção da narrativa informativa.



O ponto de partida dessa revisão será do surgimento do jornalismo profissional no século XVIII, estendendo-se até as primeiras décadas do século XX. Com base no estudo sobre a história do jornalismo de Marcondes Filho (2001), é possível afirmar que esse período em questão corresponde ao Primeiro e ao Segundo Jornalismo. São nessas fases que se observa a primeira forma de narrativa jornalística: uma narrativa caracterizada pela fusão da literatura e do jornalismo, na qual Pena (2013) contextualiza: “[...] escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais (p.28)”.

Esses escritores, além de trabalharem como jornalistas, produzindo matérias com elementos jornalísticos e literários - elementos que serão vistos no capítulo subsequente -, elaboravam conteúdos essencialmente literários para os jornais. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), os jornais abriam espaços para obras literárias, como folhetins e suplementos literários e, em alguns casos, muitos escritores que não conseguiam sobreviver de sua literatura encontravam nesses veículos uma alternativa de renda e exposição de seus trabalhos.

Lima (2009) exemplifica esse contexto lembrando Machado de Assis, que iniciou sua carreira como aprendiz de tipógrafo e revisor de texto, no mesmo tempo em que consolidava sua carreira como escritor, publicando contos, versos e novelas no jornal. Outros casos semelhantes ocorreram com José de Alencar, Manoel Joaquim de Macedo, Lima Barreto, etc.

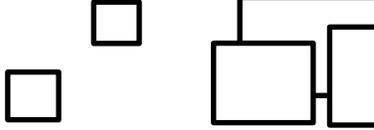


As matérias produzidas nesse período, além de serem extensas, eram repletas de subjetividade e parcialidade. Os textos continham muitos personagens, cenários e descrições. Os jornalistas dissertavam, argumentavam e opinavam, antes mesmo de exporem a notícia propriamente dita, e não havia receio de expor a linha editorial e o posicionamento político-partidário dos proprietários dos jornais.

Até o começo do século XX, os jornais eram essencialmente opinativos. Não que a informação/notícia estivesse ausente das páginas. Mas a forma como era apresentada é que era diferente. (...) As narrativas eram mais retóricas do que informativas. Antes de ir ao verdadeiro assunto da matéria, os textos faziam longas digressões relacionando-a com a linha de pensamento do veículo, o que, hoje, os jornalistas chamam de nariz de cera (PENA, 2013, p. 41).

Pode-se considerar que o próprio João do Rio, autor da obra *A Alma Encantadora das Ruas* – objeto de estudo deste trabalho – está inserido neste contexto. O jornalista e escritor atuou na imprensa de 1900 a 1921, e suas matérias narravam aspectos do cotidiano e figuras da época na cidade do Rio de Janeiro de uma forma subjetiva, literária e opinativa, nas quais, muitas vezes, o jornalista também se inseria na narrativa como personagem coadjuvante.

Como visto, o início do jornalismo profissional foi marcado pela manifestação entre o jornalismo e a literatura. Uma relação que durou, por exemplo, por mais tempo no Brasil do que nos Estados Unidos, mas que foi terminando conforme a realidade social se modificou e um novo modelo narrativo se consolidou. “De

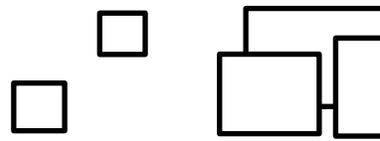


fato, o jornalismo impresso e a literatura aproximam-se, intersectam-se, afastam-se, em particular desde a etapa histórica em que a imprensa ganha sua feição moderna, industrial (...)” (LIMA, 2009, p. 173).

Por volta do início do século XX, o jornalismo começa a se moldar ao contexto industrial, capitalista e globalizado. A atividade se moderniza, abre mais espaço para a publicidade e, de certa forma, cria-se um padrão estilístico para seus conteúdos. Surge, num primeiro momento, o jornalismo informativo, gênero que segundo Marques de Melo (2010) ainda se consolida no Brasil, além de outros.

O jornalismo informativo, para Juarez Bahia (1990), é o estilo de produção que apresenta uma estrutura objetiva, direta, enxuta e geralmente com textos curtos. É um modelo americano, no qual o jornalista produz suas matérias buscando fornecer respostas para as questões básicas do fato ou acontecimento. Com esse novo modelo narrativo surgem duas técnicas que revolucionaram as redações, não só no Brasil, mas em diversos países, especialmente no ocidente: o *Lead* e a Pirâmide Invertida.

A Pirâmide Invertida (PI) e o Lead – ou Lide em português - segundo a jornalista Dad Squarisi (2012) foram utilizados pela primeira vez em 1861, nos Estados Unidos, no jornal *New York Times*. No Brasil, foi o jornalista Pompeu de Souza, em 1950, que importou o modelo americano (PENA, 2013). Ambos possuem uma finalidade semelhante, porém, antes, é preciso conceituá-los. A PI, segundo o Manual da Redação da Folha de S. Paulo, pode ser definida como:

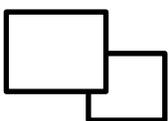


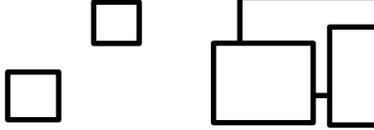
Técnica de reportagem jornalística pela qual as informações mais importantes são dadas no início do texto e as demais, em hierarquização decrescente, vêm em seguida, de modo que as mais dispensáveis fiquem no final. É a técnica mais adotada no ocidente (2013, p. 94).

A PI é um modelo, uma técnica, na qual o topo da pirâmide está no fim da matéria - onde estão as informações menos relevantes – e a base da pirâmide está no início – onde se encontram as informações mais importantes -. Na opinião de Genro Filho (1987), a PI surgiu por uma deficiência técnica, que contemplou, ao mesmo tempo, o comodismo dos leitores e o interesse dos jornais em suprimir os parágrafos finais quando chegava um anúncio de última hora. Antes da implantação da PI, perdia-se a informação principal quando as linhas finais de uma matéria eram cortadas. A base da pirâmide, ou seja, a cabeça do texto, pode ser chamada de Lide. Em Jorge Pedro Sousa, encontra-se uma definição:

O lead é o primeiro parágrafo da generalidade das peças jornalísticas, mas esta designação é mais apropriada ao primeiro parágrafo de uma notícia ou de uma reportagem. Há, inclusivamente, peças jornalísticas que podem não ter um verdadeiro lead, como certas entrevistas "pergunta-resposta". Lead em inglês significa guiar, conduzir, levar, indicar o caminho, orientar, ir à frente, ir na primeira posição, ir em primeiro lugar, sugerir, indicar, etc. Portanto, o lead é o parágrafo que lidera e orienta, o parágrafo que sugere e indica (2011, p. 221).

Lide, portanto, é o primeiro parágrafo de uma matéria jornalística, no qual estão as informações mais importantes. Através dele, o leitor consegue entender previamente sobre o fato abordado e decidir, se for de seu interesse, se irá continuar a leitura em busca

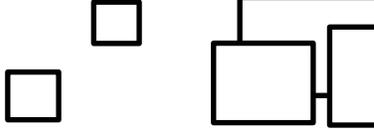




de informações mais detalhadas. Na opinião de Beltrão (1969) o Lide nasceu com o propósito de suprir a necessidade dos leitores, que dispõem de pouco tempo para se informar sobre tudo que lhes interessa. Para o autor, a cabeça do texto possui dois objetivos: resumir o fato e estimular o leitor a continuar informando-se de todos os seus detalhes.

Na prática, por ser o parágrafo que orienta, que instiga o leitor a ler o restante da matéria, o Lide deve responder a seis perguntas básicas sobre o fato a ser narrado: o quê? (a ação), quem? (o agente), quando? (o tempo), como? (o modo), onde? (o lugar) e por quê? (o motivo) (CALLADO, 2002). Contudo, além dessas seis perguntas que devem ser respondidas, no livro Teoria do Jornalismo (PENA, 2013) é apontada uma segunda forma de elaborar um Lide, uma proposta elaborada pelo professor e jornalista João de Deus, na qual, não seriam apenas seis perguntas a serem respondidas, mas sim nove, e são elas: “quem fez? O quê? A quem? Quando? Por quê? Para quê? Onde? Como? Com que desdobramentos?”. Essa inclusão de elementos, como, por exemplo, o quem passivo e o quem ativo, servem tão somente para agregar e completar a informação, tornando mais completo o Lide.

A PI e o Lide foram e são criticados por revolucionarem as redações e condicionado a estrutura narrativa jornalística. Pereira Jr (1999), em seu livro A apuração da notícia, afirma que “para alguns estudiosos como José Francisco Sánchez a pirâmide invertida virou um texto homogêneo por pura imitação ou mera comodidade” (1999, p.118). Mas as técnicas americanas se propagaram e continuam a serem amplamente utilizadas nas



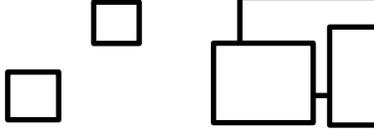
redações de diversos veículos. Entre algumas hipóteses, podem-se destacar como justificativas para a proliferação dessa estrutura narrativa: “o estímulo à imparcialidade, atenção aos fatos, mais informação em menos espaço” (PEREIRA, JR, 1999, p.119).

Ao analisar as causas da difusão da PI e do Lide, percebe-se que são reflexos de outra característica da narrativa informativa: a busca pela objetividade jornalística. O Manual da Folha é enfático em dizer que não existe objetividade em jornalismo. “Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais e emoções. Isso não exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível” (2013, p. 47).

A objetividade, como sinônimo da ausência de subjetividade, não é possível, mas isso não significa que profissional não deva ser objetivo, no sentido de “ser fiel à realidade, evitando-se a interferência da instituição jornalística na sua configuração para ‘criar’ notícias” (MELO, 2006, p. 42). Em síntese, o jornalista não será nunca um ser objetivo e imparcial, mas seus métodos de trabalho podem tender a objetividade.

Outro ponto que deve ser revisado nesse referencial são os critérios de noticiabilidade. Diversos pesquisadores perceberam que os jornais tinham criado valores-notícia para selecionar e produzir as matérias vinculadas. Mas esses critérios foram se formando, de certa forma, naturalmente, então alguns teóricos resolveram analisar os conteúdos dos jornais e catalogar os critérios de noticiabilidade.

Neste trabalho, se utilizará os critérios segundo Nelson Traquina (2013). Para o autor, se os jornalistas não tiverem valores-

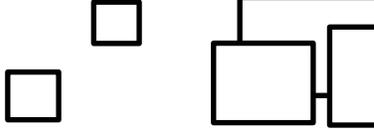


notícia, “não podem tornar perceptíveis às suas audiências os acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que ajudam a formar o conteúdo básico do que é noticiável” (p. 84).

Traquina (2013) divide os critérios de noticiabilidade em dois grupos: valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. O primeiro refere-se aos critérios relacionados à seleção dos acontecimentos, e sobre esse aspecto, o autor divide os critérios de seleção em duas subcategorias: critérios de seleção substantivos e critérios de seleção contextuais. Os substantivos estão relacionados com a avaliação de algum acontecimento em termos de sua importância ou não para se tornar noticiável. Os contextuais estão ligados aos elementos circunstâncias, presentes na seleção da notícia. Já o valor-notícia de construção – segundo grupo de critérios - para Traquina funciona como “linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (2013, p. 75).

Contudo, para este trabalho é necessário apenas focar-se nos critérios de seleção substantivos que, segundo Traquina (2013), são: morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, novidade, notabilidade, inesperado, conflito e infração. O autor destaca que numa notícia pode haver mais de um critério de noticiabilidade, na verdade, dificilmente haverá somente um valor-notícia, geralmente é um conjunto de valores que definem o que será noticiado.

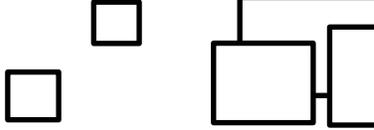
Para facilitar a compreensão, é necessário elucidar sucintamente tais categorias. A morte é um critério muito relevante nas definições de pauta, pois, na verdade as pessoas temem a



finitude do ser humano, e qualquer acontecimento dessa natureza acaba sendo de interesse público. Traquina foi enfático em dizer: “Onde há morte, há jornalistas” (2013, p. 76). Sobre as três reportagens de João do Rio, pode-se dizer que o jornalista não utilizou desse critério para na escolha dos assuntos abordados, pois nenhum deles retrata diretamente a morte ou assassinato como assunto principal.

A notoriedade refere-se a notícias relacionadas a pessoas influentes na sociedade, como políticos, grandes empresários, celebridades, etc. Traquina exemplifica esse critério: “É fácil visualizar este valor-notícia ao ver a cobertura de um congresso partidário e a forma como os membros da tribo jornalística andam atrás das celebridades políticas” (2013, p.77). É perceptível a forma como esse critério de noticiabilidade contrasta com os critérios adotados por João do Rio, pois cada uma das três reportagens retrata sobre seguimentos marginalizados da sociedade daquela época, como os marcadores ambulantes, os operários da estiva e os detentos, o que denota a não observância desse valor-notícia.

A proximidade é um critério adotado por Traquina (2013), que se refere, sobretudo, a questões geográficas, mas também culturais. O autor apresenta o seguinte exemplo: “Um acidente de viação com duas vítimas mortais em Cascais, poderá ser notícia num jornal de Lisboa, mas dificilmente num país estrangeiro (2013, p. 77). Nesse caso e em situações de desastres, a distância geográfica e o número de mortos são critérios relevantes de noticiabilidade. A relevância também é um importante valor-notícia, enquanto esse critério de noticiabilidade tem a ver com o quanto certo fato ou



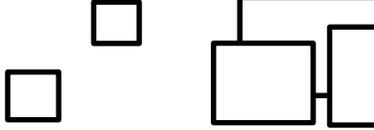
acontecimento é importante e que poderá impactar a sociedade ou segmentos dela.

Outro valor-notícia abordado por Traquina (2013) é o tempo. Ele aborda esse critério de três formas distintas. A primeira trata-se de quando a notícia é escolhida pela sua atualidade, ou pelo ‘gancho’ proporcionado de algum fato atual que já virou notícia. A segunda são pautas escolhidas para lembrarem o público de algum acontecimento que teve relevância no passado ou matérias sazonais, como dia das mães ou o Natal. A terceira concepção do critério tempo, diz respeito às notícias que ganham maior longevidade em decorrência ao seu tema.

A novidade, além de ser referida por Pena (2008) como uma das características do jornalismo contemporâneo, é um valor-notícia associado a informações novas ou com novas abordagens, e ao ‘furo de reportagem’. “Devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico se interessa muito pela primeira vez” (TRAQUINA, 2013, p. 78).

A notabilidade diz respeito à tangibilidade da notícia, ou seja, quanto mais concreta, palpável, é um fato, mais chance há de ser noticiada. Traquina exemplifica da seguinte forma: “uma greve operária pode ser facilmente agarrada como notícia porque é tangível, enquanto as condições de trabalho dos trabalhadores, por exemplo, dificilmente serão notícias, porque é pouco tangível (2013, p. 80).

O inesperado, como o próprio nome sugere, é algum acontecimento que surpreende inclusive a comunidade jornalística e que causa grande movimentação e alvoroço nas redações. Traquina

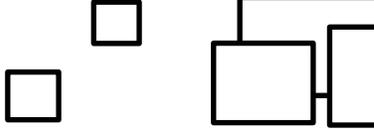


(2013) expõe, como exemplo, o atentado ao *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001.

O conflito é outro valor-notícia relevante. Ele está relacionado com a noticiabilidade da violência, tanto física como simbólica, presente principalmente no cenário político. Entretanto, “a presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios de noticiabilidade muitas vezes exemplificam a quebra do normal.” (TRAQUINA, 2013, p. 82). Na mesma linha da violência, a infração também é um critério substantivo de seleção de notícia, porém, de forma mais abrangente, está relacionada a transgressões das leis e normas da sociedade, o que explica a grande noticiabilidade de crimes nas páginas dos jornais.

Fechado as questões de critérios de noticiabilidade, outro tópico importante que não deve ser omitido é a abordagem sobre gêneros. Apesar de o jornalismo informativo ter se tornado predominante a partir do século XX, ele não foi o único gênero que se consolidou na prática jornalística. Ao longo do tempo, classificações e divisões surgiram, mas houve muita divergência nesse assunto. Não existe um modelo ou conceito unânime sobre gêneros, e cada autor possui uma concepção diferente. Para abordar essa questão essa revisão utilizará as definições de Luiz Beltrão (1976) e José Marques de Melo (2010).

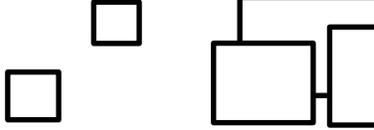
Beltrão (1976) foi pioneiro no Brasil a tratar a questão de gêneros jornalísticos, e classificou o jornalismo em três gêneros: jornalismo informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem), jornalismo interpretativo



(reportagem em profundidade) e jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor). Para Melo (2010), o jornalismo é dividido em cinco gêneros: Jornalismo informativo: Nota, notícia, reportagem, entrevista. Jornalismo Opinativo: Editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta. Jornalismo interpretativo: Dossiê, perfil, enquete, cronologia. Jornalismo Utilitário: Indicador, cotação, roteiro, serviço. Jornalismo divisional: História de interesse humano e história colorida.

Não é pertinente para essa revisão conceituar cada gênero e seus elementos, cabe compreender que os modelos americanos influenciaram a prática jornalística como um todo, mas não impediram que se criassem outros produtos para melhor atender às necessidades de seus leitores e se adaptar às novas ferramentas de comunicação. Após revisar algumas definições e funções do jornalismo, seu histórico e suas narrativas, assim como estabelecer o modelo atual da prática jornalística, o próximo capítulo versará objetivamente sobre o jornalismo literário, tema central deste estudo, e sobre todos os elementos, características e autores que orbitam a exploração deste universo.

CAPÍTULO 02
JORNALISMO LITERÁRIO



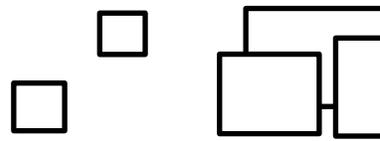
2 JORNALISMO LITERÁRIO

De maneira reducionista pode-se definir Jornalismo Literário como um gênero híbrido, no qual em um texto se utiliza elementos do jornalismo e da literatura. Contudo, o conceito é bem mais amplo e complexo e, por isso, este capítulo tem o objetivo de definir o Jornalismo Literário, salientando as suas características, além de contextualizá-lo historicamente e revisar o conceito da ‘Estrela de Sete Pontas’.

Há autores que definem o Jornalismo Literário como uma especialização do jornalismo, outros como um tipo, e ainda tem os que o definem como um gênero. Para conceituá-lo, começa-se revisando a definição dada por Eduardo Rocha (2003), para quem é uma especialização jornalística, que utiliza as técnicas e a linguagem literária para relatar os fatos. Já para Casatti (2006), é um tipo de jornalismo, no qual há um maior aprofundamento e descrição nas matérias que busca, através de um estilo próprio, chamar a atenção do leitor à realidade. Portanto, para Casatti, Jornalismo Literário é,

[...] um tipo de jornalismo em que, basicamente, leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações, a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar e a elaboração de um texto (para jornal, revista, internet, televisão ou cinema) que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo. (2006, *online*, s/p).

Segundo Edvaldo Pereira Lima (1993), o jornalismo e a literatura são duas áreas que se confundem em alguns momentos da história, inclusive na atualidade em diversos produtos jornalísticos –

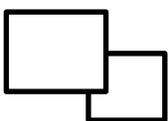


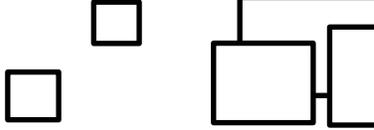
ensaios, livro-reportagem, romance de não ficção, *New Journalism*¹ e outros –. Para o autor, quando o jornalista utiliza ambas as áreas, ele entrega ao seu leitor uma matéria com informações mais completas, mais aprofundadas e com linguagem poética, o que poderá chamar ainda mais a atenção desse leitor, porém exigirá mais de sua leitura. O Jornalismo Literário também pode ser considerado um gênero. Felipe Pena (2008) o define assim:

[...] defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia (p. 21).

O autor supracitado, portanto, conceitua um novo gênero, no qual não é nem jornalismo e nem literatura, mas sim uma mistura de ambos, que resulta em um texto melódico, informativo e entretido. Nota-se que há em comum nos autores aqui revisados a percepção da fusão jornalismo e literatura, além das características que um texto jornalístico-literário pode assumir, como a apuração minuciosa dos fatos e um estilo narrativo diferenciado, mais próximo do gênero literário do que do gênero informativo. Mas há

¹ Na literatura a respeito, o que chamam na contemporaneidade de Jornalismo Literário, é um movimento iniciado por volta da década de 60 e que foi chamado por Wolf (2005) de *New Journalism*.

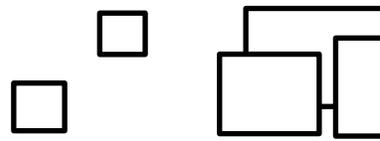




outros elementos e características a serem elencados que auxiliam na identificação do Jornalismo Literário, e serão dedicados à revisão destas os parágrafos seguintes.

Começa-se revisando os autores Vilas Boas (2008) e Edvaldo Pereira Lima (1993). Ambos elencaram características semelhantes, que podem ser citadas juntas, e que são recorrentemente chamadas de ‘Os sete pilares do Jornalismo Literário’ (ORMANEZE, 2009), são elas: Imersão; Humanização; Estilo; Voz autoral; Símbolos e metáforas; Precisão de dados; e Digressões. Vilas Boas acrescenta outras características marcantes, que também são ferramentas próprias da literatura - assim como o uso de simbolismo e metáforas -, são elas: “monólogos interiores, fluxos de consciência, diálogos, descrições minuciosas etc.” (2008, p.10). Para o autor, também são importantes para o processo de criação cinco elementos imperiosos ao trabalho autoral: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos.

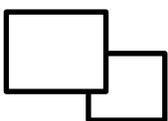
Sobre os elementos dos ‘sete pilares’, pode-se conceituá-los, segundo Vilas Boas (2008) e Edvaldo Pereira Lima (1993), da seguinte forma: Humanização é quando o autor tenta humanizar os personagens do texto, de forma a mostrar seus defeitos, fraquezas e qualidades. A imersão é quando o autor vivencia o que está narrando. O leitor percebe, através de elementos no texto, que o jornalista pesquisou e conviveu com os personagens da narração. O estilo representa as variadas maneiras como o autor pode estruturar o texto e narrar o que vivenciou.

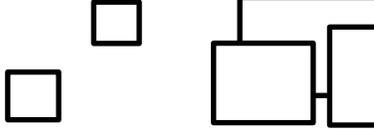


Por sua vez, voz autoral significa que o autor se coloca no texto, de tal forma, que seu leitor percebe sua participação como jornalista na narrativa. Geralmente o autor utiliza o pronome em primeira pessoa para se inserir no texto. Símbolos e metáforas são utilizados como elementos da literatura, para tornar o texto mais agradável e para proporcionar ao autor mais recursos nas descrições dos fatos, cenários e personagens. Precisão de dados é uma característica necessária, na medida em que o jornalista precisa coletar o maior número de dados e informações para tornar o conteúdo mais profundo e detalhista. O último pilar é a digressão, trata-se da estratégia em colocar elementos secundários ao texto principal, causando uma quebra no ritmo da narrativa. O objetivo é buscar outras informações para relacioná-la com a informação principal.

O professor Felipe Pena, em seu livro 'Jornalismo Literário' (2008), também enumerou elementos que caracterizam o gênero jornalístico em questão, desenvolvendo a Estrela de Sete Pontas. Na estrela as pontas são “diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela” (p. 13). São sete características que devem apresentar-se no texto, pois, para que seja considerado Jornalismo Literário:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as



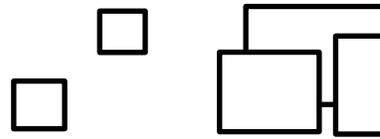


correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (2008, p.13).

Para melhor compreensão, explana-se sobre cada ponta da estrela, ainda utilizando os conceitos de Pena (2008). A primeira ponta - potencializar os recursos do jornalismo -, significa que o jornalista não deve desprezar o que aprendeu e utilizou nas redações convencionais, pelo contrário, deve aproveitar as técnicas das quais se apropriou, como as técnicas de narrativa, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a clareza na transmissão da mensagem.

A segunda ponta da estrela é ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, e significa, genericamente definindo, romper com a periodicidade e a atualidade, duas características do jornalismo contemporâneo. Ou seja, o jornalista não precisa se preocupar com a informação nova, imediata, ou o 'furo' de reportagem, nem com o *deadline*, o prazo limite de entrega da matéria para fechamento da edição.

A terceira ponta - proporcionar visões amplas da realidade - traduz o cuidado do Jornalismo Literário em contextualizar de forma mais abrangente o fato abordado, ou seja, utilizando as ferramentas do jornalismo e da literatura, o jornalista deverá entregar ao leitor uma matéria com uma interpretação mais ampla e detalhada. A quarta ponta trata sobre exercer a cidadania, e significa que o jornalista deve escolher e abordar a pauta de sua matéria de



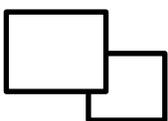
forma que possa contribuir na formação do cidadão e fomentar o interesse público.

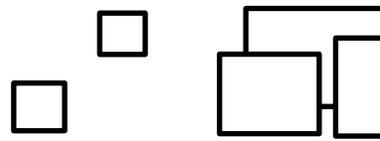
A quinta ponta - romper com o *lead* -, representa a superação de um recurso amplamente utilizado no jornalismo diário, e acarreta na padronização dos textos e na falta de criatividade, estilo e elegância, portanto, é necessário recorrer e utilizar outras formas de narrativa, como a literária, para romper com o padrão estabelecido e difundido.

Na sexta ponta da estrela, fala-se em evitar os definidores primários. Estes são as pessoas que sempre aparecem como entrevistadas, como as pessoas com cargos públicos, médicos, advogados, entre outros. Também se enquadram as chamadas fontes oficiais, que são indivíduos destinados a representarem algum órgão ou empresa, e como tal, tendem a dar apenas a versão oficial defendida pela instituição a qual estão ligadas. No Jornalismo Literário, é importante ouvir outros tipos de fontes, entrevistar o público, fontes anônimas e os pontos de vistas que geralmente não são ouvidos.

A última ponta da estrela é a perenidade. Significa permanência, pois um texto jornalístico-literário não deve ter um conteúdo efêmero e factual. O Jornalismo Literário aborda e narra pautas que permanecem atuais a longos prazos, assim como os bons livros literários, que marcam o imaginário popular por diversas gerações.

Após ser visto, com base nos autores Sérgio Vilas Boas, Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena, as definições de Jornalismo





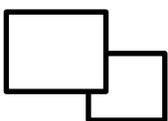
Literário e suas características – as quais auxiliarão na análise do objeto -, o próximo subtítulo terá como objetivo revisar brevemente sua história, seus formatos e principais autores.

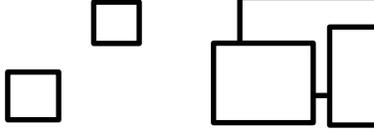
2.1 Breve histórico do jornalismo literário, formatos e principais autores

Para tratar sobre a história do Jornalismo Literário, é preciso, antes, recorrer novamente à análise histórica do jornalismo após a invenção de Gutenberg, feita por Marcondes Filho (2001). Através de seu estudo é possível observar que o jornalismo e a literatura começaram a se relacionar na fase do Primeiro Jornalismo, por volta de 1789 a 1830, e na fase do Segundo Jornalismo, por volta de 1830 a 1900. Como já revisado, esses dois períodos têm em comum o trabalho de escritores literários nas redações jornalísticas, o que influenciou e conduziu a linguagem, a narrativa e os formatos trabalhados, como, por exemplo, o folhetim². Contudo, jornalismo e literatura voltaram a se unir por volta de 1960, com o *New Journalism*, um novo jornalismo que surgiu como alternativa e ‘fuga’ do estilo consolidado nas redações.

Este tópico do trabalho tem como objetivo revisar o contexto histórico desses dois períodos. Compreendendo que é difícil estabelecer um marco exato de início do Jornalismo Literário, começa-se pelo século XVIII, onde o jornalista e escritor inglês

² Segundo Pena (2008) o folhetim inicialmente era um suplemento destinado à crítica literária e a assuntos diversos. A partir de 1840, a lógica capitalista o transformou num espaço destinado a publicação de romances por fascículos nos jornais, o que significava um aumento significativo nas vendas.



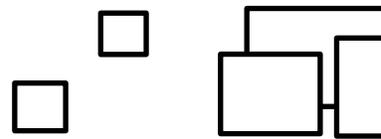


Daniel Defoe, autor de Robinson Crusóe, em 1725, realizou diversas reportagens policiais utilizando elementos literários e jornalísticos em suas matérias (PENA, 2006). Alguns outros exemplos denotam a comum interação entre as duas áreas, como, por exemplo, Jack London e George Orwell, que no início do século XX, se disfarçaram de pessoas da classe pobre, para conviverem entre os sem-teto e desafortunados, transformando as experiências vividas em reportagens e relato autobiográfico.

No Brasil, pode-se citar como exemplos, dois jornalistas que utilizavam uma narrativa jornalístico-literária para escrever suas reportagens e livros: Euclides da Cunha e João do Rio (LIMA, 2009). Cunha trabalhou como repórter para o jornal O Estado de S. Paulo e, em 1897, fez a cobertura da revolução de Canudos. O sucesso e repercussão da reportagem o fez escrever o livro em 1902, *Os Sertões*. Apesar da obra não ser considerada uma obra jornalística, o autor a produziu utilizando elementos jornalísticos e materiais:

O grande repórter, que foi Euclides da Cunha, eternizou a campanha de Canudos. O que constitui exatamente a principal fraqueza do jornal – a transitoriedade, ganhou permanência – numa obra de jornalismo, porque naquele acontecimento que para muitos não tinha importância maior do que a de uma insurreição de fanáticos, Euclides da Cunha viu uma constante da natureza humana, ávida de sobrenatural (OLINTO, 1956, p.84).

João do Rio foi outro jornalista que contribuiu na fomentação de um jornalismo influenciado e composto por literatura. Pode-se citar a obra *A Alma Encantadora das Ruas* – objeto de estudo deste trabalho –, que reúne crônicas e reportagens sobre diversos aspectos urbanos do Rio de Janeiro do século XIX. Seus

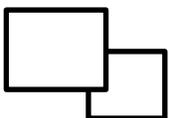


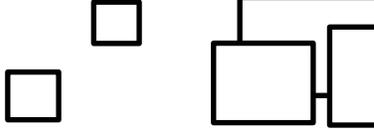
textos possuem como características marcantes a observação minuciosa da realidade, as descrições de ambientes e a perenidade dos assuntos.

Como já foi abordado, a partir do Terceiro Jornalismo (MARCONDES FILHO, 2001) a literatura e o jornalismo acabaram se afastando, depois que as redações adotaram o estilo americano de produzir matérias. Contudo, nos anos 60 – mais precisamente no ano de 1966, – Truman Capote escreveu uma reportagem investigativa, encomendada pela revista *The New Yorker*, sobre o assassinato brutal de uma família de fazendeiros do Kansas. Capote produziu sua reportagem ultrapassando a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários (Wolfe, 2005). Surge então o *New Journalism* – Novo Jornalismo em português – e novamente manifesta-se o encontro de narrativas: jornalismo e literatura.

O *New Journalism* nasceu nos Estados Unidos, e teve como principais expoentes os jornalistas/escritores Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer. Essa nova forma de produzir conteúdo noticioso se contrapôs ao jornalismo convencional e ao seu formato de Pirâmide Invertida, proporcionando aos leitores um conteúdo mais denso, minucioso e humano, conforme descreve Gay Talese:

O Novo Jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade,



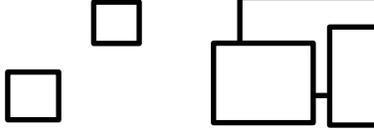


exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive (2004, p.9).

Para Lima (2009), o Novo Jornalismo foi uma “fase histórica e efervescente de renovação do Jornalismo Literário nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, caracterizada pela introdução de novas técnicas narrativas” (*online*, s/p). Para o autor, foi um período onde a prática era constantemente aplicada em revistas de reportagem especializadas em Jornalismo Literário, publicações alternativas, livros-reportagem e até mesmo em veículos da grande imprensa. No Brasil, a primeira manifestação do Novo Jornalismo ocorreu na revista *Realidade*, da editora abril. A revista mensal foi criada em 1966, em São Paulo, e circulou por uma década. O país vivia um contexto de ditadura, no qual a imprensa era constantemente censurada, e a Realidade, que abordava diversos assuntos, conseguiu ultrapassar as barreiras da ditadura com uma linguagem e um estilo de reportagem inovador no país.

As reportagens longas e o texto cuidadosamente escrito fizeram de Realidade um marco na história da imprensa brasileira e revelam o interesse da revista em dialogar com um público capaz de compreender e repercutir tal expressão de um jornalismo inovador. (MORAES, 2007, p.17).

Pode-se citar, também, alguns exemplos de jornalistas brasileiros que se destacaram pela produção de Jornalismo Literário, como: Joel Silveira (1918-2007) que escreveu, entre tantas grandes reportagens, *A Feijoada que derrubou o Governo*; Zuenir Ventura (1931-), autor de *Chico Mendes*; Antonio Callado (1917-1997), autor de

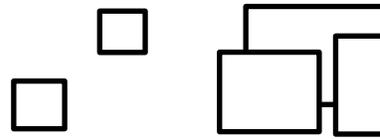


Esqueleto na Lagoa Verde, etc. Atualmente, há uma publicação que também é reconhecida por vincular reportagens utilizando elementos da narrativa ficcional: a revista Piauí.

Segundo seu site, a revista mensal Piauí foi lançada em 2006 pela editora Alvinegra. A proposta foi produzir reportagens menos factuais e mais aprofundadas, proporcionando ao leitor uma análise mais crítica e analítica dos fatos. Para o diretor-geral da revista, Enio Vergeiro, trata-se de uma publicação em que todo jornalista gostaria de trabalhar, pois há liberdade de textos e evitam-se, ao máximo, cortes e mudanças durante a edição (NALDONI; VENCESLAU, 2006).

Contudo, o Jornalismo Literário pode ser encontrado em diversos formatos e veículos jornalísticos, como: reportagem, livro-reportagem, biografia, crítica literária, entre outros. A reportagem jornalístico-literária, assim é como utilizada no jornalismo convencional, tem como objetivo aprofundar exaustivamente um tema específico.

Sousa (2001) considera a reportagem, o mais completo dos gêneros jornalísticos, para ele é um “gênero jornalístico híbrido, que vai buscar elementos à observação directa, ao contacto com as fontes e à respectiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que possa contribuir para elucidar o leitor” (p. 259). No mesmo sentido, para Lima (2009), a reportagem é o gênero que mais se aproxima do jornalismo convencional. “seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema cadente ancorado numa questão

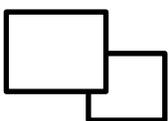


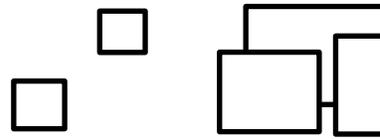
específica” (p. 424).

Já o livro-reportagem é um veículo, não periódico e impresso que proporciona ao jornalista a produção de Jornalismo Literário. Para Lima (2009), é um veículo jornalístico que contém matérias do gênero reportagem, grande-reportagem ou ensaio, e é caracterizado pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar.

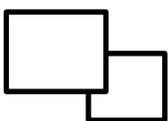
A biografia é outro gênero onde se observa o encontro do jornalismo e da literatura, podendo ser vinculado em revistas, jornais e livros. Segundo Pena (2008), a biografia é a parte do “Jornalismo Literário que trata sobre um determinado personagem. Ele é o fio condutor de todo enredo. Os acontecimentos, por mais importantes que sejam, são apenas satélites. Tudo gira em torno da história de uma vida” (p. 71). Para Lima (2009), esse gênero teve maior repercussão e produção quando, em 1966, Gay Talese publicou na revista ‘Esquire’ o texto biográfico ‘Frank Sinatra Está Resfriado’. Ainda há outros formatos e gêneros que compõem as tendências do Jornalismo Literário, entre elas: a crítica literária, a memória, a ficção jornalística e o jornalismo *gonzo*.

Como foi visto, em diversos momentos da história, inclusive atualmente, e em diversos países, inclusive no Brasil, o jornalismo e a literatura se relacionaram, proporcionado aos seus leitores um gênero híbrido, diferente do jornalismo padrão e com uma proposta diversa. Neste capítulo foi realizada uma revisão geral sobre Jornalismo Literário. Foram vistas as definições e características, assim como o contexto histórico, autores e os diferentes formatos



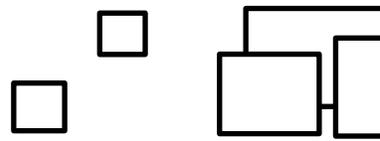


de fazer, este que é o gênero foco deste trabalho. O próximo capítulo será dedicado ao estudo de caso, e será composto pela metodologia, pela descrição do objeto analisado – a obra *A Alma Encantadora das Ruas* -, pela biografia de seu autor – João do Rio –, e pela análise e discussão dos dados.



CAPÍTULO 03

ESTUDO DE CASO



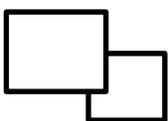
3 ESTUDO DE CASO

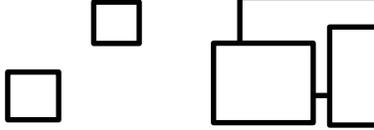
Este último capítulo visa tratar do estudo de caso que incide sobre a obra ‘A Alma Encantadora das Ruas’, de João Paulo Emílio Coelho Barreto, mais conhecido pelo seu pseudônimo João do Rio. Contudo, antes da análise propriamente dita, é preciso revisar a metodologia adotada, além de apresentar uma breve biografia do autor escolhido e algumas considerações sobre sua obra – objeto de estudo.

3.1 Metodologia

O foco deste trabalho é explorar a narrativa jornalístico-literária, pelos textos de João do Rio, em sua obra ‘A Alma Encantadora das Ruas’. Essa exploração se dará através da proposta de testar a ‘Estrela de Sete Pontas’ de Pena (2008), como técnica de análise. Para isso, antes é necessário estabelecer a metodologia que será utilizada na análise. Cabe ressaltar que o trabalho proposto, de caráter exploratório, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com um percurso metodológico dividido em três fases: leitura da obra supracitada, seleção de três reportagens do livro, e análise do material escolhido. Segundo Antônio Carlos Gil, para a análise dos dados na pesquisa qualitativa,

[...] ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do

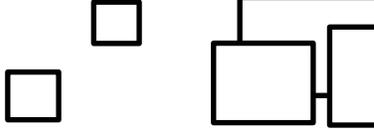




pesquisador (1997, p. 175).

É pelo motivo referido pelo autor, que se optou por utilizar como técnica de análise a ‘Estrela de Sete Pontas’ de Pena (2008), já que ela representa categorias que possibilitam a identificação de traços do Jornalismo Literário nos textos de João do Rio. Para a seleção da amostra, optou-se pela amostragem por conveniência (GIL, 1997), já que permite selecionar os materiais que se tem acesso, considerando que estes poderão, de certo modo, representar o universo.

Constituirá o *corpus* da análise um texto de cada seção da ‘Alma Encantadora das Ruas’, são eles: ‘Os tatuadores’, da seção ‘O que se vê nas ruas’; ‘Os trabalhadores de estiva’, da seção ‘Três aspectos da miséria’; e ‘A galeria superior’, da seção ‘Onde às vezes termina a rua’. Foram escolhidos três dos 25 textos, divididos em três seções que compõem o livro – sem contar com dois textos de conferências que iniciam e encerram a obra. Esse recorte do *corpus* se deu por duas razões: essa pesquisa é de caráter qualitativo e não quantitativo, portanto, não é relevante questões de quantidades; a segunda razão é que não se pretende ultrapassar as dimensões estabelecidas para essa monografia, o que provavelmente ocorreria se fossem analisados os 25 textos do livro. Observada a forma metodológica de análise, o próximo passo é realizar a investigação, mas antes, é necessário versar brevemente sobre a biografia de João do Rio e sua obra.

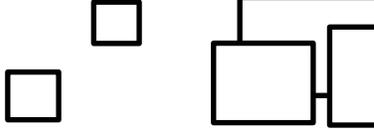


3.2 Breve biografia de João do rio

Esta breve biografia que é apresentada se embasa no site da Academia Brasileira de Letra, na qual o autor foi membro, e na obra João do Rio: Uma Biografia (1996) de João Carlos Rodrigues. O autor de ‘A Alma Encantadora das Ruas’ nasceu no Rio de Janeiro no dia 5 de agosto de 1881, como o nome de João Paulo Emílio Coelho Barreto. Mais conhecido pelo pseudônimo João do Rio, ele atuou como jornalista, cronista, contista e teatrólogo, sendo uma das figuras carioca mais representativa de sua época. De acordo com Rodrigues (1996), João sofreu grande discriminação e preconceito por ser gordo, mulato e homossexual, principalmente por inimigos de profissão. Durante sua carreira teve muitos amigos, mas também foi muito odiado, sendo constantemente agredido através dos textos de outros jornalistas e escritores.

Filho do educador Alfredo Coelho Barreto e de D. Florência Cristóvão dos Santos Barreto, aos 16 anos ingressou na imprensa, no jornal Cidade do Rio, notabilizando-se como o primeiro jornalista brasileiro a ter o senso da reportagem moderna. Nos diversos jornais em que trabalhou, conquistou enorme popularidade, consagrando-se como o maior jornalista de seu tempo. Entre as grandes reportagens por ele publicadas se destacam “As religiões no Rio” e “O momento literário”, ambas depois reunidas em livros.

A repercussão de As Religiões no Rio alçou seu jovem autor à condição de grande jornalista. No exato momento em que o governo afrancesava a cidade com as reformas da Pereira Passos, eis que

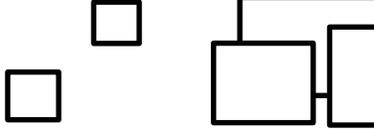


um jovem repórter expunha facetas nada civilizadas da capital da República (RODRIGUES, 1996, pág. 52).

O jornalista escreveu utilizando diversos pseudônimos além de João do Rio – uma característica herdada da literatura e que saiu de moda com o jornalismo contemporâneo - entre eles: Claude, Caran d’Ache, Joe e José Antônio José. Além de trabalhar em diversos periódicos, João também fundou o Rio Jornal (1899), ‘A Pátria’ (1926) e a revista ‘Atlântida’ (1915) e colaborou com outros periódicos de São Paulo e Portugal.

Na área literária – a qual é difícil separar da produção jornalística – foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa e deixou obras perenes de grande valor, sendo considerado o pioneiro na crônica social moderna. Contudo, Rodrigues (1996) ressalta que apenas um terço da sua obra foi publicado em livro, restando muitos textos espalhados em jornais e revistas.

O biógrafo teve acesso a 2.500 escritos de João do Rio, entre contos, crônicas, peças de teatro e reportagens, mas a maior perda é do material não divulgado, pois, segundo Rodrigues (1996) se perdeu com o tempo muitos rascunhos, correspondências e trabalhos nunca publicados. Como teatrólogo, foi fundador e diretor da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, e peça de sua autoria que teve mais êxito e repercussão foi ‘A bela madame Vargas’, representada pela primeira vez em 22 de outubro de 1912, no Teatro Municipal.



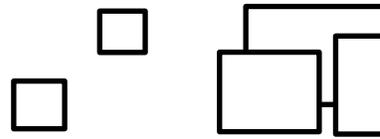
João do Rio faleceu no dia 23 de junho de 1921 no Rio de Janeiro, quando era diretor do diário ‘A Pátria’. Morreu de um ataque fulminante no coração dentro de um táxi. Seu corpo ficou na redação de seu jornal exposto à visitação pública. Conforme o *site* da Academia Brasileira de Letras, seu enterro foi um dos maiores da história carioca, realizou-se com um cortejo de aproximadamente cem mil pessoas. Apesar de ter vivido apenas 39 anos, o escrito e jornalista realizou grandes feitos nas áreas das letras e da informação. Foi um profissional da rua, de vivência que buscava descobrir, através de um olhar atento e minucioso, aspectos da cultura e da sociedade carioca da primeira metade do século XX.

O trabalho produzido por João do Rio conseguiu fundir a dimensão de reportagem e de crônica, resultando em um jornalismo literário que, com situações até então inéditos da vida social carioca, ainda podem ser considerados atuais como sátira política e social. A relevância do autor e a pertinência de sua extensa obra foram, portanto, preponderantes à motivação e realização desse trabalho.

3.3 Objeto de estudo – a obra, a alma encantadora das ruas

Este subtítulo tem como objetivo apresentar a obra ‘A Alma Encantadora das Ruas’, pois nela está contido o *corpus* que este trabalho se propõe a analisar. As observações aqui expressas foram embasadas nas notas contidas na obra da edição de 2012 da editora Nova Fronteira, escritas pelos organizadores³, e na biografia de João do Rio escrita por Rodrigues (1996).

³ Ana Lúcia Machado de Oliveira e Rosa Maria de Carvalho.

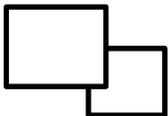


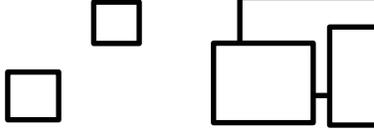
A *Alma Encantadora das Ruas* foi publicada pela primeira vez em 1908 - foi o terceiro livro de João do Rio -, e reúne conferências, reportagens e crônicas⁴ publicadas entre 1904 e 1907 no jornal 'Gazeta de Notícias' e na revista 'Kosmos'. Para melhor compreender a obra, se faz necessário conhecer um pouco do contexto histórico da época, e no prefácio do livro em questão, Ana Lúcia Machado de Oliveira e Rosa Maria de Carvalho Gens sintetizam esse contexto, relatando que,

O Rio de Janeiro, na época, era o centro político, comercial e populacional do país. As atividades de importação foram intensificadas nesse período e a cidade recolhe influências da Europa e da América, cultuando a última moda com um euforismo consumista. O Rio respira a modernidade, mas é uma cidade que parou a si mesma no tempo – sua estrutura urbana é velha, ultrapassada e defronta-se com numerosos problemas de desenvolvimento. Foi uma época agitada, entre o saneamento, revoltas, a derrubadas de velhos prédios, aberturas de avenidas: enfim, o 'Rio civiliza-se' em determinados pontos de sua superfície, mas a miséria continua (*apud* RIO, 2012, p. 10).

Portanto, observa-se que a cidade do Rio de Janeiro passava por um processo de grande transformação urbana, e esse cenário foi registrado, principalmente, pelo jornalista carioca João do Rio. A obra em destaque trata-se de um inventário sobre o que o autor viu nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. É possível 'enxergar' o Rio do início do século XX, através dos olhos apurados

⁴ Crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica. A palavra crônica deriva do grego "*chronos*" que significa "tempo". Nos jornais e revistas, a crônica é uma narração curta escrita pelo mesmo autor e publicada em uma seção habitual do periódico, na qual são relatados fatos do cotidiano e outros assuntos relacionados a arte, esporte, ciência etc.



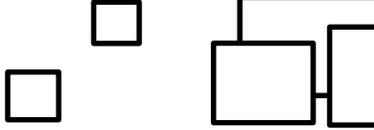


e sensíveis de um jornalista e escritor, que foi capaz de observar e compreender as mazelas e contradições da modernidade. Para abordar todo material produzido e facilitar a compreensão de seus leitores da totalidade da obra, João do Rio dividiu o livro em agrupamentos temáticos, conforme explica Rodrigues:

O livro abre e fecha com textos longos das conferências *A rua* e *Modinhas e cantigas* (rebatizada *A musa das ruas*) [...] O miolo é dividido em três agrupamentos temáticos. No primeiro (*O que se vê nas ruas*) são descritos pequenos biscates e costumes cariocas, a destacar os tatuadores ambulantes, os vendedores de livros usados, e os vendedores de ratos para a Saúde Pública. No segundo (*Três aspectos da miséria*) surgem os problemas sociais da prostituição, da exploração de operários, da verdadeira e da falsa mendicância. Finalmente, em *Onde às vezes termina a rua* reaparecem as seis reportagens da Casa de Detenção editadas na *Gazeta*, como o título *Nos jardins do Crime* [...] (1996, p. 69-70).

A obra se destaca também pela unidade, pois, embora seja um conjunto de textos escritos em momentos diferentes, todas as crônicas e reportagens estão harmoniosamente interligadas, formando um panorama da cidade do Rio de Janeiro. Para Rodrigues ‘A Alma Encantadora das Ruas’, que se apresenta como uma “aparentemente coletânea descuidada de artigos [...] é uma das melhores obras de João do Rio” (1996, p. 69). E ainda acrescenta que ao ler a obra, “há momentos em que não sabemos mais se estamos lendo uma grande reportagem ou pura literatura” (1996, p. 70).

Após descrever as características e o contexto que constituem o objeto de estudo deste trabalho, e revisar a



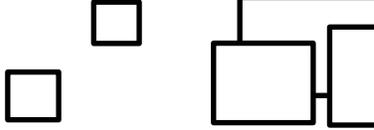
metodologia e a biografia de João do Rio, o subtítulo subsequente e suas subdivisões terão o objetivo de apresentar a análise do *corpus*, já previamente selecionado, recortado e descrito na metodologia.

3.4 Análises

Como já foi referido, três textos - um de cada agrupamento temático -, do livro ‘A Alma Encantadora das Ruas’ de João do Rio, foram escolhidos para serem analisados, são eles: ‘Os tatuadores’; ‘Os trabalhadores de estiva’; e ‘A galeria superior’. Essas reportagens foram escolhidas por serem consideradas, conforme critérios subjetivos do pesquisador, as mais significativas dentro de cada grupo da qual elas pertencem.

‘Os tatuadores’ – que no livro faz parte do grupo ‘O que se vê nas ruas’ - foi inicialmente publicado na revista ‘Kosmos’ em 11 de novembro de 1904, como o título ‘A tatuagem no Rio’. Nessa reportagem o jornalista inicia a narrativa apresentando aspectos da vida cotidiana dos profissionais da tatuagem, que trabalham pelas ruas pintando os corpos de diversos segmentos da sociedade. Sobre esses segmentos, o autor salienta três tipos e, respectivamente, as tatuagens mais comuns: Os negros, com tatuagens de crença religiosa e servilismo; Os turcos, com ícones representativos da cultura e da crença; E a classe baixa - como é grupo numeroso e bem diverso as tatuagens também diversificam bastante.

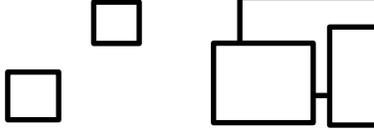
João do Rio percebeu que a prática da tatuagem de certa forma prosperava com o aumento da clientela, transformando-se em uma espécie de indústria com hierarquia. O autor conviveu por



três meses com Madruga, um dos chefes dos tatuadores ambulantes. Madruga foi uma das fontes que possibilitou ao jornalista extrair informações e conhecer na prática o cotidiano das pessoas relacionadas a esse ‘mundo’. Em uma das reflexões sobre a tatuagem, o autor a relaciona a um registro: um registro de história, de amor, de crenças, de alegrias, de ódio etc. “As meretrizes e os criminosos nesse meio de becos e de fachadas têm indelévels ideias de perversidade e de amor. Um corpo desses nus, é um estudo social” (RIO, 2012, p. 56).

Por sua vez, ‘Os trabalhadores de estiva’ é uma reportagem que relata o cotidiano e o ambiente de trabalho dos estivadores cariocas. Foi publicada pela primeira vez no jornal ‘Gazeta de Notícias’ em 19 de junho de 1904 e no livro integra os ‘Três aspectos da miséria’ - a segunda parte da obra. João do Rio se infiltra no meio dos trabalhadores e passa um dia inteiro com eles, onde observa atentamente as condições de trabalho, que são precárias, e os riscos de acidentes e doenças, provocados por equipamentos inoperantes, pelo peso da carga, pela má iluminação, pelas altas temperaturas e a pela demasiada quantidade de horas trabalhadas para atingir alta produção.

Ao longo da narrativa, o jornalista expõe sua opinião e diz que não vê melhoras nas condições de vida dos trabalhadores, e acrescenta alguns fatores para sustentar seu argumento: o trabalho físico intenso, o baixo valor do salário, a pouca alimentação e a família numerosa. Além disso, no caso dos operários imigrantes, esses fatores acabam impedindo que eles consigam juntar dinheiro

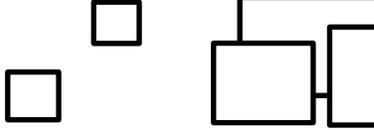


e voltar para seus países. Por fim, a maneira como João encerra a reportagem, deixa claro que o fim da maioria dos trabalhadores é se tornarem mendigos, por não conseguirem mais trabalhar devido às doenças e lesões.

Já a reportagem intitulada ‘Galeria Superior’, faz parte de uma série de seis reportagens que tratam sobre a Casa de Detenção do Rio, e que originalmente se chamaram ‘No jardim do crime’, publicadas na ‘Gazeta de Notícias’ em 29 de agosto de 1905. Na ‘Alma Encantadora das Ruas’ as reportagens formam a terceira parte do livro, chamada de ‘Onde às vezes termina a rua’. Na galeria superior há os mais variados crimes, desde homicídios até os furtos mais banais. Há também muitos trabalhadores humildes, que por algum pequeno crime, como uma briga de rua, estão trancafiados e influenciados pela ‘pedagogia do crime’. Outro elemento presente nessa galeria é a promiscuidade, algo que acaba os tornando mais perversos e hostis.

João do Rio revela diversas mentes criminosas, ele descreve tudo que vê e ouve dos detentos e observa atentamente o comportamento deles. Exemplo disso foi quando o autor percebeu que os detentos aguardavam a vigilância diminuir para trocarem cartas, jornais e outros objetos, além de conversarem sem poder olhar para os detentos de outras celas. Nas conversas, eles conspiravam ódio, raiva e o desespero do cumprimento da pena numa galeria com superlotação.

Realizado um breve resumo do *corpus*, é importante recapitular que será utilizada como ferramenta de análise a ‘Estrela

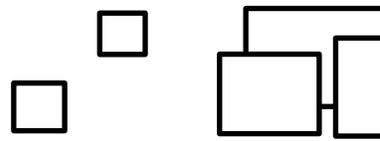


de Sete Pontas' de Pena (2008), que são categorias que caracterizam o Jornalismo Literário, são elas: Potencializar os recursos do jornalismo; Ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos; Proporcionar visões amplas da realidade; Exercer plenamente a cidadania; Romper as correntes burocráticas do Lide; Evitar os definidores primários; e Garantir perenidade aos relatos. Nas próximas subdivisões do trabalho, serão analisados os textos dentro da perspectiva de cada ponta da estrela.

3.4.1 Primeira ponta da Estrela: Potencializar os recursos do jornalismo

A primeira ponta da Estrela – potencializar os recursos do jornalismo – Pena explica que se trata de manter “os velhos e bons princípios da redação, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, e a capacidade de se expressar claramente” (2008, p. 14). Ou seja, são práticas que os jornalistas precisam ter para desenvolverem suas pautas, como: a escolha de um assunto relevante, o contato com as fontes, a ‘garimpagem’ das informações obtidas e a produção do texto para os leitores (SQUARISE, 2012).

Sobre os recursos do jornalismo nas reportagens de João do Rio, é possível observar que o jornalista desenvolveu de forma mais acentuada cada prática utilizada pelos profissionais da imprensa. Para comprovar tal afirmação, começa-se analisando a escolha das pautas, escolhidas pelo autor em cada reportagem. Em ‘Os tatuadores’ João apresenta profissionais tão presentes nas ruas Rio, mas que, de certa forma, estavam excluídos da sociedade, assim como tantos outros ‘pequenos’ trabalhadores, presentes nos

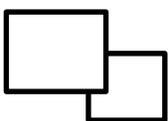


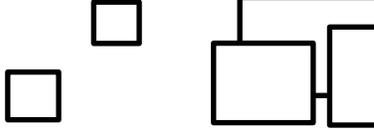
diversos textos do bloco ‘O que se vê nas ruas’. Além disso, o autor faz uma verdadeira análise sobre a tatuagem e todo contexto que envolve a prática. “Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credice. Por ele se reconstrói a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fúfias de porta aberta [...]” (RIO, 2008, p. 50).

Em ‘Os trabalhadores de estiva’, a forma como o autor estrutura a narrativa, revela a sua pretensão de tratar sobre um problema social relevante, enfrentado pelos operários da estiva carioca. Exemplo disso encontra-se na fala de um trabalhador: “— Os patrões não querem saber se ficamos inúteis pelo excesso de serviço. Olhe, vá à Marítima, ao Mercado. Encontrará muitos dos nossos arrebetados, esmolando, apanhando os restos de comida” (RIO, 2008, p. 144).

‘A galeria superior’ é uma das seis reportagens que buscam criar um panorama da Casa de Detença do Rio de Janeiro. Nesta reportagem em questão, o autor procura realçar os problemas do sistema carcerário, como a superlotação, a péssima estrutura física e a prisão como um ambiente de aprendizagem para o crime, além de desvendar os diversos crimes e perfis e ali sobreviviam:

Dois baixos-relevos alucinadores, dois frisos da história do crime de uma cidade, ora alegres, ora sinistros, como se fossem nascidos da colaboração macabra de um Forain e de um Goya, dois grandes painéis a gotejar sangue, treva, pus, onde perpassam, com um aspecto de bichos lendários, os estupradores de duas crianças, de sete e de dez anos (RIO, 2008, p. 179).



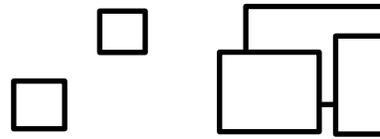


Nas três reportagens percebe-se que João do Rio utilizou das técnicas jornalísticas para tornar públicas questões mais humanas, que apontam, geralmente, para problemas sociais ou que revelam traços e características da sociedade carioca da época, ao contrário do que normalmente se pratica no jornalismo diário, onde se procura noticiar, conforme os critérios de noticiabilidade revisados no referencial teórico, acontecimentos cotidianos e factuais.

Outra questão a ser observada, é que para obter os dados e as informações contidas em seus textos, João do Rio utilizou e potencializou outra prática jornalística: o relacionamento com as fontes. Esse aspecto será mais aprofundado na sexta ponta da estrela, que trata sobre ‘evitar os definidores primário’, mas pode-se adiantar alguns pontos sobre essa questão.

Em ‘Os tatuadores’, o jornalista observa, conversa e convive com suas fontes, não importando o grau de relevância ou *status* que ela possa denotar na matéria. Essa característica é comprovada em diversas passagens da própria reportagem, como, por exemplo, quando o jornalista revela que conviveu com o chefe dos tatuadores por três meses ou nas conversas que manteve ou observou de outros marcadores ou com a clientela.

Enquanto andou a fornecer-me o seu profundo saber, Madruga teve três dessas senhoras — a Jandira, a Josefa e a Maria. A primeira a figurar debaixo de um coração foi a Jandira. Um belo dia a Jandira desaparecia, dando lugar à Josefa, que triunfava em cima, entre as chamas. Um mês depois a letra J sumira-se e um M dominava no meio do coração. (RIO, 2008, p. 53).



Do mesmo modo, em ‘Os trabalhadores de estiva’ João se relacionam com os operários para extrair informações que contribuam e complemente a realidade que ele enxerga. É nos diálogos com suas fontes que se apresentam os dados mais objetivos em relação ao trabalho dos estivadores, como, por exemplo, neste diálogo com um dos trabalhadores, enquanto se dirigiam ao navio de lancha:

— Aquela gente não cansa?

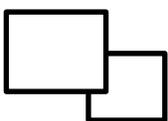
— Qual! trabalham assim horas a fio. Cada saco daqueles tem sessenta quilos e para transportá-lo ao saveiro pagam 60 réis. Alguns pagam menos — dão só 30 réis, mas, assim mesmo, há quem tire dezesseis mil réis por dia.

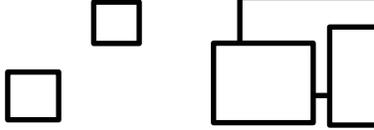
O trabalho da estiva é complexo, variado; há a estiva da aguardente, do bacalhau, dos cereais, do algodão; cada uma tem os seus servidores, e homens há que só servem a certas e determinadas estivas, sendo por isso apontados.

— É muito, fiz.

— Passam dias, porém, sem ter trabalho e imagine quantas corridas são necessárias para ganhar a quantia fabulosa (RIO, 2012, p. 141).

Na terceira reportagem – A galeria superior – apesar de ser predominante as descrições feitas pelo autor sobre diversos temas relacionados à galeria, percebe-se que ele utiliza como fonte os guardas e os próprios detentos, como nesse trecho: “— É a primeira vez que eu entro aqui! E apelam para os guardas, sôfregos, interrogam os outros, trazem o testemunho dos chefes. Por que estão presos? José, por exemplo, deu com uma correia na mão de um filho do cabo de um delegado [...]” (RIO, 2012, p. 141).

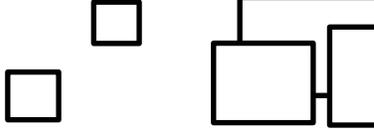




João potencializa o recurso de ter e utilizar as fontes, na medida em que ele explora todos os possíveis contatos dentro de cada contexto. O jornalista não deixa de conversar e observar um personagem pelo seu grau de importância ou confiabilidade, o que no jornalismo convencional se denomina fontes oficiais, primárias, secundárias e terciárias (FOLHA DE S. PAULO, 2013). Além disso, para conseguir estabelecer uma relação de confiança e observar os diversos detalhes expostos nos textos, João se infiltrava e convivia por longos períodos com os personagens, dentro de cada realidade.

Sobre a maneira com elaborou e estruturou seus textos, João do Rio também potencializou os recursos utilizados no jornalismo diário - o que será melhor detalhado nas pontas 3 e 5 da estrela. A reportagem ‘Os tatuadores’ é elaborada com muitos diálogos, descrições de cenas, ambientes e personagens, além de utilizar figuras de linguagem e diversas referências históricas para contextualizar melhor a prática. Em ‘Os trabalhadores de estiva’, o autor narra cena a cena um dia de trabalho dos operários, trazendo para o texto diálogos, simbolismos e muitos comentários opinativos dos trabalhadores e do próprio jornalista. No mesmo sentido, ‘A galeria superior’ contempla diálogos, descrições, analogias e uma profunda análise do autor sobre os problemas encontrados e percebidos através da permanência na galeria.

Nota-se nas três reportagens que, diferente do modelo estabelecido pela Pirâmide Invertida e o Lide, João do Rio utiliza recursos como diálogos, figuras de linguagem, narração cena a cena, textos que mesclam descrição, dissertação e opinião e, sobretudo, a

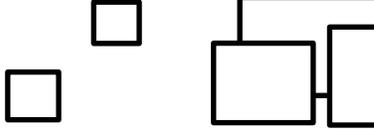


descrição minuciosa de personagens e ambientes. Além disso, as narrativas mantiveram o caráter informativo, de maneira que todos os elementos do texto são transmitidos de forma clara e, algumas vezes, objetiva.

Conforme o detalhamento do *corpus* e os critérios adotados para análise, nas três reportagens o autor não deixou de utilizar práticas jornalísticas para captar informações e produzir seus textos, pelo contrário, João do Rio potencializou cada prática, pois imergiu nos diferentes ‘universos’, entrevistando e pesquisando para poder relatar o que viu e ouviu, além de proporcionar aos leitores textos multiformes com reflexões sobre cada tema tratado.

3.4.2 Segunda ponta da Estrela: Ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos

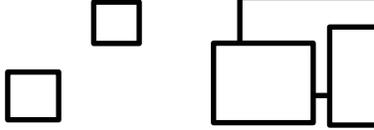
A segunda ponta da estrela está diretamente relacionada com o rompimento de duas características que, segundo Pena (2008), estão presentes no jornalismo informativo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ou seja, o jornalista não precisa ficar condicionado ao tempo limite de fechamento de edição e nem direcionar seu trabalho com pautas que abordem temas somente relacionados à atualidade. O Jornalismo Literário se atenta às pautas que vão além do factual, mas que proporcionem ao público leituras sobre diversos temas relevantes. Na prática, o profissional só conseguirá atingir esse objetivo se não houver ‘pressão’ para entregar o material dentro de um prazo estabelecido, ao contrário, provavelmente ele não conseguirá ter a imersão necessária na realidade do tema abordado.



Analisando sob a perspectiva do rompimento da periodicidade, é possível observar, dentro do próprio texto de João do Rio, recortes que demonstram a despreocupação com o *deadline*, exemplo disso se encontra na reportagem ‘Os Tatuadores’, na qual o autor afirma: “Andei com o Madruga três longos meses [...]” (RIO, 2012, p. 54). Ou em ‘A galeria superior’, pois para ganhar a confiança dos detentos e para retratar os diversos temas da Casa de Detenção, expostos em seis reportagens, supõe-se que o autor precisou conviver por alguns dias na prisão. Na reportagem ‘Trabalhadores de estiva’, só há referência ao fato de que João do Rio passou um dia inteiro com suas fontes, que eram o foco de sua narrativa: “Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva” (RIO, 2012, p. 139).

Sobre o outro aspecto, e o mais relevante, da segunda ponta - o não condicionamento a fatos atuais, salienta-se que trata da despreocupação com o “desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. (PENA, 2008, p. 14). Para melhor elucidar essa ponta da estrela, utilizar-se-á os critérios de noticiabilidade de seleção, segundo Traquina (2013), revisados no referencial teórico. O objetivo aqui é verificar se os possíveis critérios utilizados por João do Rio estão, ou não, em consonância com os critérios de noticiabilidade utilizados no jornalismo convencional, ou seja, analisar o quanto o jornalista ultrapassou os limites dos acontecimentos cotidianos.

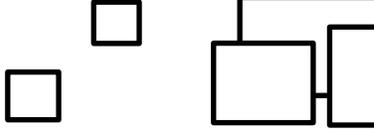
Recapitula-se que os critérios de noticiabilidade de seleção, são valores-notícia elencados para identificar qual o raciocínio



utilizado no jornalismo diário na seleção de pautas. Lembrando que Traquina (2013) divide os valores-notícia de seleção em dois subgrupos: critérios substantivos e critérios contextuais. O primeiro está relacionado com a avaliação de algum acontecimento em termos de sua importância ou não para se tornar noticiável. Já o segundo refere-se aos elementos contextuais presentes na produção da notícia. Para esta análise, é necessário apenas focar-se nos critérios de seleção substantivos que, segundo Traquina (2013), são: morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, novidade, notabilidade, inesperado, conflito e infração.

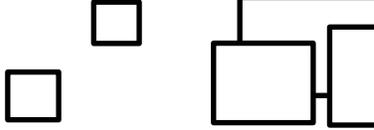
Analisando o foco narrativo de ‘Os tatuadores’, ‘Os trabalhadores de estiva’ e ‘A galeria superior’, observa-se que os critérios utilizados por João do Rio não vão ao encontro com os critérios de noticiabilidade que, segundo Traquina (2013), são utilizados no jornalismo convencional. Contudo, possivelmente haja duas exceções: a proximidade e a infração. Considerando que as histórias e os personagens narrados estão inseridas geograficamente ao local onde as reportagens foram inicialmente vinculadas, e que ‘A galeria superior’ aborda algumas histórias de criminosos e delitos.

Mas os outros oito valores-notícia não são encontrados nos textos de João do Rio. Nas três reportagens há características em comum que podem ser consideradas critérios adotados pelo autor, como: fatos e personagens presentes no dia a dia da cidade; atenção em seguimentos marginalizados da sociedade; e foco nos problemas enfreados por esses seguimentos.



A primeira característica é diretamente contrária ao valor-notícia da novidade, pois tanto em ‘Os tatuadores’, em ‘Trabalhadores de estiva’ e na ‘Galeria superior’, notam-se reportagens que tratam de acontecimentos aparentemente normais na rotina da cidade, mas que, ao serem observados atenciosamente por João do Rio, tornam-se textos que elucidam e divulgam aspectos novos de cada tema, que formam uma espécie de registro de uma época. A segunda característica vai de encontro com a notoriedade, na medida em que o autor dá atenção e ‘voz’ aos marcadores ambulantes, operários de estiva e detentos, ou seja, pessoas que viviam a margem de uma cidade que se transformava com a modernidade.

Sobre a terceira característica, pode-se considerar que ela é diretamente oposta aos critérios de relevância e notabilidade. De relevância porque não são fatos e acontecimentos que afetam diretamente a vida da população em geral, como, por exemplo, notícias sobre medidas do governo, sobre a economia local, sobre previsão do tempo, e tantas outras factuais que causam algum impacto na sociedade. Mas isso não minimiza a importância das matérias de João do Rio, ao contrário, torna-as perenes, com maior longevidade, como será visto na ponta sete da estrela. As reportagens também são opostas ao critério de notabilidade porque vão além do fato concreto e ‘mergulham’ nas problemáticas, não tangíveis, de cada tema abordado, problemas esse que serão vistos na próxima ponta da estrela.



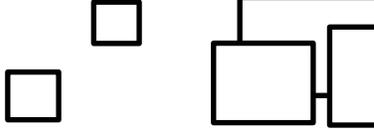
3.4.3 Terceira ponta da Estrela: Proporcionar visões amplas da realidade

Dentro da ‘Estrela de Sete Pontas’, a terceira ponta destina-se a tratar sobre uma característica que, segundo Pena (2008), é fundamental para o Jornalismo Literário. ‘Proporcionar visões amplas da realidade’, significa “contextualizar a informação de forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (2008, p. 14).

Para o autor, proporcionam-se visões amplas da realidade numa narrativa jornalístico-literária ao relacionar as informações com outros fatos, ao compará-las com outras abordagens e ao situá-las num espaço temporal de longa duração. O objetivo agora é observar a forma como João do Rio realizou a abordagem de cada uma das três reportagens, e verificar se há relação com a proposta da terceira ponta da estrela.

Começa-se pela ‘A galeria superior’. Primeiramente é necessário relembrar que a narrativa em questão, faz parte de uma série de seis textos sobre a Casa de Detenção do Rio, portanto, no conjunto ela pode ser considerada uma das seis formas de contextualizar amplamente sobre o sistema carcerário carioca. Mas por se tratar de um assunto específico – assim como as outras cinco reportagens – ‘A galeria superior’ pode ser lida e compreendida de forma isolada, e sobre ela, João do Rio estrutura alguns tópicos sobre o contexto da galeria.

Na reportagem não há indicação de tempo transcorrido, o jornalista elabora seu texto com dados, reflexões, perfis e descrições

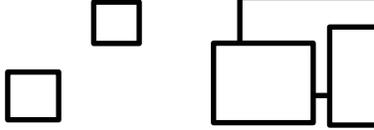


do que é observado na galeria. Primeiramente, e de forma breve, há uma apresentação do assunto ao leitor, com dados objetivos desse ambiente, como a estrutura física, e a quantidade de confinados e como estão alocados. Depois, observa-se que o texto aborda o assunto sob diferentes perspectivas, mas que estão todas interligadas.

De modo genérico, pode-se considerar que João do Rio realiza quatro abordagens dentro da reportagem. Na primeira, o jornalista faz relato sobre os detentos mais ‘notáveis’ e perigosos e seus respectivos crimes: “Vive naquela jaula o crime multiforme. [...] o Mirandinha, mulato, passador de moeda falsa, se faz passar por advogado; o Barãozinho, gatuno; Bouças Passos, ladrão assassino (RIO, 2012, p. 178). Na segunda abordagem, o jornalista realiza um debate sobre os muitos presos que não deveriam estar convivendo ao lado da verdadeira bandidagem:

E em meio do charco, fatalmente destinada a desaparecer, a inocência, atirada ali pela incúria das autoridades, floresce. Encontro ao lado de respeitáveis assassinos, de gatunos conhecidos, na tropa lamentável dos recidivos, crianças ingênuas, rapazes do comércio, vendedores de jornais, uma enorme quantidade de seres que o desleixo das pretorias torna criminosos. Quase todos estão inclusos, ou no artigo 393 (crime de vadeagem), ou no 313 (ofensas físicas) (RIO, 2012, p. 179).

Após, a terceira abordagem trata sobre a ‘pedagogia do crime’, sobre a qual o autor inicia dizendo que “a detenção é a escola de todas as perdições e de todas as degenerescências. O ócio dos cubículos é preenchido pelas lições de roubo, pelas perversões do

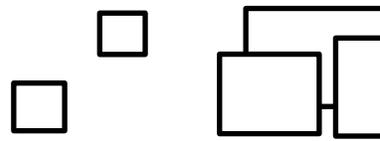


instinto, pelas histórias exageradas e mentirosas” (RIO, 2012, p. 180).

Dentro dessa perspectiva, João também faz referência a reincidência de crimes e o demasiado retorno de muitos a prisão, o que remete para o quarto tópico da reportagem. A última abordagem do texto é uma reflexão do autor sobre a falência do sistema penitenciário carioca, sobre o qual ele faz as seguintes considerações:

Qual deve ser o papel da polícia numa cidade civilizada? Em todos os congressos penitenciários, até agora tão úteis como o nosso último latino-americano, ficou claramente determinado. A polícia é uma instituição preventiva, agindo com o seu poder de intimidação, e o Dr. Guillaume e o Dr. Baker chegaram, em Estocolmo, às conclusões de que uma boa polícia tem mais força que o código penal e mais influência que a prisão. A nossa polícia é o contrário. Para que a detenção dê resultados, faz-se necessário seja conforme ao fim predominante da pena, com o firme desejo de reformar e erguer a moral do culpado. Que fazemos nós? Agarramos uma criança de catorze anos porque deu um cascudo no vizinho, e calma, indiferente, cinicamente, começamos a levantar a moral desse petiz, dando-lhe como companheiros, durante os dias de uma detenção pouco séria, o Velhinho, punguista conhecido, o Bexiga Fraga, batedor de carteira e um punhado de desordeiros da Saúde! (RIO, 2012, p. 181).

Dentro da proposta da terceira ponta da estrela, percebe-se que, além de proporcionar ao leitor diversas angulações sobre a temática do texto, João do Rio projeta a reportagem para fora do limite temporal em que vivia, na medida em que é possível relacionar, refletir e comparar com o contexto atual do sistema penitenciário brasileiro e seus diversos problemas.

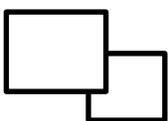


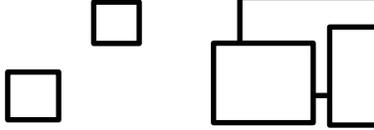
Em ‘Os trabalhadores de estiva’, João do Rio tem por objetivo geral narrar o cotidiano dos trabalhadores da estiva, e por objetivo específico elucidar ao público os problemas sociais vividos por esses trabalhadores. Ou seja, nessa narrativa, o autor procura contextualizar de forma abrangente, apenas o dia a dia dos operários, e conforme a história vai se desdobrando, apresentam-se as dificuldades e os problemas enfrentados.

O jornalista estrutura a reportagem de forma a passar a ideia de tempo transcorrido. Ele descreve minuciosamente aos seus leitores o que vê e ouve dos trabalhadores. Logo no início da narrativa, o autor faz referência a uma greve na qual os operários teriam realizado, o que deixa implícito a motivação do jornalista pela pauta, pois, provavelmente, a maioria da sociedade não conhecia a realidade dessa classe de trabalhadores.

Para facilitar a compreensão das formas que o autor utilizou para abranger a pauta, divide-se a reportagem em três focos: apresentação dos trabalhadores; descrição do ambiente de trabalho e a maneira como ocorre; e a reflexão explícita do autor sobre os problemas sociais. Sobre o primeiro enfoque, João do Rio apresenta o perfil comum entre os operários, relatando o estado de espírito e os sentimentos dos personagens:

[...] via-os vir chegando a balançar o corpo, com a comida debaixo do braço, muito modestos. [...] Eu via, porém, essas fisionomias resignadas à luz do sol e elas me impressionavam de maneira bem diversa. Homens de excessivo desenvolvimento muscular, eram todos pálidos — de um pálido embaciado como se lhes tivessem pregado à epiderme um papel amarelo, e assim, encolhidos, com as mãos nos



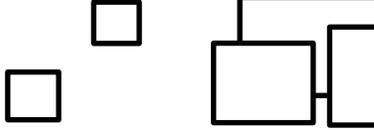


bolsos, pareciam um baixo-relevo de desilusão, uma frisa de angústia (RIO, 2008, p. 139).

A descrição do ambiente hostil de trabalho, assim como condições precárias e a baixa remuneração para uma grande quantidade de horas trabalhadas, são assuntos predominantes no texto, podendo citar, como exemplo, esse trecho: “Quinze minutos após iniciado o trabalho, suavam arrancando as camisas. Quando a ruma estava feita, erguiam a cabeça e esperavam a nova carga. Que fazer? Aquilo tinha que ser até às 5 da tarde!” (RIO, 2008, p. 142).

O jornalista relata todas as etapas do processo de carregamento da carga, e fica explicitamente transtornado com o ambiente e com as condições insalubres aos quais os trabalhadores são submetidos, e com a nítida deterioração da saúde física e mental desses. Essa preocupação com os trabalhadores da estiva leva o jornalista ao último ponto da narrativa.

João do Rio não esconde sua reflexão e opinião sobre tudo que vivenciou em apenas um dia. O autor apresenta algumas das reivindicações atendidas por causa de diversas mobilizações, como a criação de sindicato, a diminuição da carga horária e o aumento do salário, mas reitera que as conquistas ainda são insuficientes, argumentando que: “Que querem eles? Apenas ser considerados homens dignificados pelo esforço e a diminuição das horas de trabalho, para descansar e para viver” (RIO, 2008, p. 143). Por fim, João faz referência às pessoas de classe alta, que ficam na parte superior do navio, contrastando com a realidade dos operários:



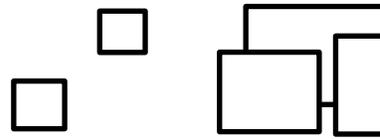
Subi. Os ferros retiniam sempre a música sinistra. Encostados à amurada, damas roçagando sedas e cavalheiros estrangeiros de smoking, debochavam, em inglês, as belezas da nossa baía; no bar, literalmente cheio, ao estourar do *champagne*, um moço vermelho de álcool e de calor levantava um copo dizendo: — Saudemos o nosso caro amigo que Paris receberá... Em derredor do paquete, lanchas, malas, cargas, imprecações, gente querendo empurrar as bagagens, carregadores, assobios, um *brouhaha*⁵ formidável. Um cavalheiro cheio de brilhantes, no portaló⁶, perguntou-me se eu não vira a Lola. Desci, meti-me num bote, fiz dar a volta para ver mais uma vez aquela morte lenta entre os pesos (RIO, 2008, p. 145).

Esta reportagem também se encaixa – conforme as definições dadas por Pena (2008) – nas características de exercer plenamente visões amplas da realidade, pois, apesar do autor concentrar seu trabalho apenas no cotidiano dos trabalhadores da estiva carioca, a forma como ele apresenta os elementos e suas observações, torna o texto dinâmico e proporciona aos leitores um conhecimento mais detalhado sobre a temática. E, sobre seus leitores, reitera-se que podem ser considerados, tanto os da época que foi publicada pela primeira vez a reportagem, como os de hoje, que leem para fazer analogias com o contexto atual da classe de estivadores ou apenas com o propósito de conhecer o passado.

Em “Os tatuadores”, se observa, através da análise proposta neste trabalho, que entre as três reportagens, possivelmente esta é a que mais busca contextualizar a temática apresentada. João do Rio realiza uma pesquisa elaborada, tanto nos

⁵ Ruído confuso e indistinto, algaravia.

⁶ Abertura lateral de navio mercante, por onde entra e sai a tripulação e a carga leve.

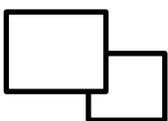


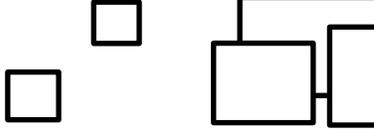
livros como na convivência, sobre a tatuagem e os tatuadores ambulantes do Rio de Janeiro, e todo contexto que envolve tal prática. O jornalista aborda esse tema através de diversos pontos, entre os quais se pode ressaltar: etimologia e contextualização histórica da tatuagem; segmentos sociais que fazem uso da marcação; tatuagem como indústria; e os tipos de tatuagens e seus significados.

João, após introduzir o texto com uma cena de negociação entre cliente e marcador, demonstra que realizou uma pesquisa teórica sobre a tatuagem, divulgando a origem etimológica do termo: “A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Loocks que a introduziu no ocidente, e esse escrevia tattou, termo da Polinésia de tatou ou to tahou, desenho” (RIO, 2008, p. 50). Em seguida relata um breve histórico:

Muitos dizem mesmo que a palavra surgiu no ruído perceptível da agulha da pele: tac, tac. Mas como é ela antiga! O primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem. Desde os mais remotos tempos vêmo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe para selvagens das ilhas Marquesas, vestimenta moralizadora para os íncolas da Oceânia, sinal de amor, de desprezo, de ódio, bárbara tortura do Oriente, baixa usança do Ocidente (RIO, 2008, p. 50).

Sobre os diferentes segmentos que costumam utilizar a tatuagem, o autor relata que “Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade” (RIO,





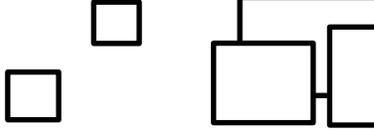
2008, p. 51). João aborda de forma detalhada cada um dos segmentos, divulgando informações precisas e alguns diálogos com os personagens.

Depois de debater os tipos mais comuns que fazem uso da prática da marcação, o jornalista entra em outro tópico da narrativa – a tatuagem como indústria, sobre a qual ele comenta: “Para marcar tanta gente, a tatuagem tornou-se uma indústria com chefes, subchefes e praticantes. (RIO, 2008, p. 52). É nesse ponto que o autor introduz na narrativa o Madruga, chefe dos marcadores, que é um personagem que revela vários aspectos relacionados ao ‘universo’ da tatuagem, como, por exemplo, a forma e o motivo de se apagar as marcações, os diversos valores, e a maneira como são realizadas.

João do Rio ainda realiza algumas considerações sobre a tatuagem, seus marcadores e marcados, além de desvendar o sentido que certas pessoas atribuem às marcações. Exemplo disso encontra-se nesse trecho: A tatuagem tem nesse meio a significação do amor, do desprezo, do amuleto

, posse, do preservativo, das idéias patrióticas do indivíduo, da sua qualidade primordial (RIO, 2008, p. 54).

Após essas considerações, sobre os diversos aspectos levantados pelo autor sobre os tatuadores ambulantes, percebe-se novamente que se encontra no texto visões amplas da realidade apresentada. Aos leitores atuais, a reportagem proporciona um estudo histórico de uma prática ainda muito utilizada. De forma geral, os três textos de João do Rio denotam grande abrangência em



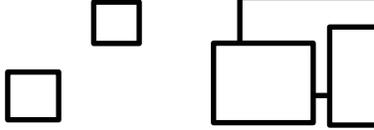
cada temática abordada, o que possibilita ao público um aprofundamento em cada assunto, sob o ponto de vista e opinião do jornalista e escritor carioca. Finalizado esse ponto da análise, foca-se agora na ponta da estrela que trata sobre a relação entre o trabalho do jornalista e o exercício da cidadania.

3.4.4 Quarta ponta da Estrela: Exercer plenamente a cidadania

Exercer plenamente a cidadania é a quinta ponta da estrela de Pena (2008). Para o autor, apesar de ser um termo ‘gasto’ e esquecido, não pode ser deixado de lado pelos jornalistas, independente do gênero ou do formato jornalístico que eles atuam. As pautas devem ter uma abordagem que possibilite “contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2008, p. 14). Sobre essa perspectiva, algumas considerações podem ser feitas em relação à obra de João do Rio, sobretudo nas três reportagens recortadas do objeto de estudo.

De forma geral, atualmente os textos de João do Rio são considerados por alguns autores – por exemplo, o biógrafo Rodrigues (1996) – como o retrato de uma época, elaborados através da fusão de sua carga subjetiva e cultural, e de sua observação jornalística apurada. E na época que foram publicados pela primeira vez, presumisse que não deixaram de ser uma espécie de registro, que contribuiu para o público conhecer sua própria localidade e realidade.

As três reportagens recortadas do livro são exemplos claros da intenção do autor em desvendar aspectos, aparentemente



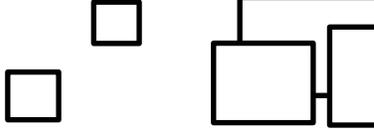
comuns, da sociedade que está inserido, como o cotidiano dos tatuadores de rua, ou as péssimas condições de trabalho dos operários de estiva, ou ainda, o que se passa dentro da Casa de Detenção. João do Rio preocupava-se em compartilhar o conhecimento que adquiria em suas pesquisas e nas convivências com suas fontes, fomentando a formação do cidadão do início do século XX, e de seus leitores contemporâneos.

Além do caráter ‘pedagógico’, outro aspecto a ser relacionado com o exercício da cidadania, é a preocupação do autor em destacar nos seus textos segmentos marginalizados da sociedade carioca. Exemplo disso, também se encontra nas três reportagens. Percebe-se que a pretensão do autor é ‘dar voz’ e levar ao conhecimento público, cotidianos, problemas enfrentados, histórias particulares e opiniões de pessoas que são muitas vezes esquecidas ou negligenciadas pela sociedade e pelo jornalismo convencional.

Realizada as devidas observações sobre o exercício da cidadania nos textos de João do Rio, passa-se para o próximo ponto, o qual abordará sobre o rompimento do Lide no Jornalismo Literário, analisando essa característica da quinta ponta da estrela sobre *corpus* desse trabalho.

3.4.5 Quinta ponta da Estrela: Romper as correntes burocráticas do Lide

Esse ponto da análise está relacionado à quinta ponta da estrela, que trata sobre romper com o Lide, e sobre esse aspecto há muitos elementos a serem destacados nos textos de João do Rio. Contudo, convém primeiramente retomar a definição de Lide, para



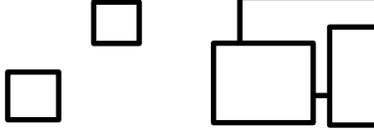
após, realizar a devida análise. De maneira concisa, pode-se dizer que Lide é o primeiro parágrafo de uma matéria jornalística, onde se encontra as informações mais relevantes. A técnica comumente responde a seis perguntas básicas sobre o fato a ser divulgado: o quê? (a ação), quem? (o agente), quando? (o tempo), como? (o modo), onde? (o lugar) e por quê? (o motivo).

Para Beltrão (1969) o objetivo do Lide é resumir o fato e estimular o leitor a continuar informando-se de todos os seus detalhes. Pena (2008) ressalta que o intuito da criação da técnica foi conferir mais objetividade à imprensa, amenizando a influência da subjetividade. E Pereira Jr (1999) destaca que, de certa forma, a técnica contribuiu na padronização do texto jornalístico, limitando a criatividade dos jornalistas.

É necessário ressaltar que a ‘Alma Encantadora das Ruas’ foi lançada pela primeira vez em 1908, e no Brasil a técnica do Lide começou a ser utilizada nas redações a partir de 1950, ou seja, previamente há a presunção que o modelo americano, de qualquer forma, não influenciou as reportagens de João do Rio, e de nenhum outro jornalista da época em questão. Após essas considerações e da retomada conceitual, passa-se a análise das reportagens escolhidas, focando agora apenas nos primeiros parágrafos de cada texto, para observar a forma como João do Rio estruturou o início de suas matérias.

— Quer marcar?

Era um petiz de doze anos talvez. A roupa em frangalhos, os pés nus, as mãos pouco limpas e um certo ar de dignidade na pergunta. O interlocutor,



um rapazola louro, com uma dourada carne de adolescente, sentado a uma porta, indagou:

— Por quanto?

— É conforme, continuou o petiz. É inicial ou coroa?

— É um coração!

— Com nome dentro? O rapaz hesitou. Depois:

— Sim, com nome: Maria Josefina.

— Fica tudo por uns seis mil réis.

Houve um momento em que se discutiu o preço, e o petiz estava inflexível, quando vindo do quiosque da esquina outro se acercou.

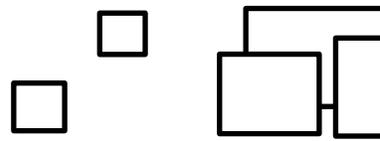
— Ó moço, faça eu; não escute embromações!

— Pagará o que quiser, moço.

O rapazola sorria. Afinal resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço. O petiz tirou do bolso três agulhas amarradas, um pé de cálix com fuligem e começou o trabalho. Era na Rua Clapp, perto do cais, no século XX... A tatuagem! Será então verdade a frase de Gautier: “o mais bruto homem sente que o ornamento traça uma linha indelével de separação entre ele e o animal, e quando não pode enfeitar as próprias roupas recama a pele”? (RIO, 2012, p. 50).

Esse recorte refere-se ao início do capítulo ‘Os tatuadores’.

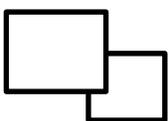
O autor começa a reportagem descrevendo os personagens e transcrevendo os diálogos de uma negociação. Apesar de não explicitar logo de início a temática do texto, o leitor consegue perceber do que se trata, pois foi imerso pelo autor no contexto dos tatuadores. Logo após a cena descrita, João do Rio cita Pierre Théophile Gautier, um escritor, jornalista e crítico literário francês, para definitivamente introduzir o foco de sua reportagem.

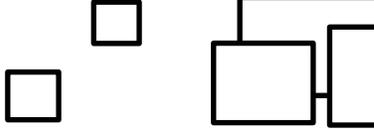


Ao contrário da estrutura pré-definida do Lide, percebe-se que o autor utilizou de outros elementos para introduzir a narrativa e chamar a atenção do leitor. João do Rio utilizou diálogos, um recurso muito usado na literatura, e que, junto com a descrição minuciosa, proporcionam a humanização do texto (LIMA, 1993), pois, ao transcrever as falas das fontes e descrevê-los, ficam mais evidentes as características e as emoções dos personagens, que no caso se trata de pessoas humildes, como o garoto de 12 anos, que vestindo roupas em frangalhos, oferece os seus serviços a outro rapaz.

Outro elemento não usual na estrutura do jornalismo convencional é a utilização de citação. E o autor utiliza, não só para marcar a temática da reportagem, mas também para refletir sobre a utilização da tatuagem. Após essas breves considerações sobre ‘Os tatuadores’, passa-se à análise de ‘Os trabalhadores de estiva’, concentrando-se nos primeiros parágrafos do texto:

Às 5 da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos maldormidos à beira dos quiosques. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos; no interior os caixeiros, preguiçosos, erguiam os braços com bocejos largos. Das ruas que vazavam na calçada rebentada do cais, afluía gente, sem cessar, gente que surgia do nevoeiro, com as mãos nos bolsos, tremendo, gente que se metia pelas bodegas e parava à beira do quiosque numa grande azáfama. Para o cais da alfândega, ao lado, um grupo de ociosos olhava através das frinchas de um tapume, rindo a perder; um carregador, encostado aos umbrais de uma porta, lia, de óculos, o jornal, e todos gritavam, falavam, riam, agitavam-se na frialdade daquele acordar, enquanto dos botes

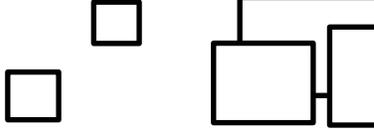




policrômicos homens de camisa de meia ofereciam, aos berros, um passeiozinho pela baía. Na curva do horizonte o sol de maio punha manchas sangrentas e a luz da manhã abria, como desabrocha um lírio, no céu pálido. Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva e, naquela confusão, via-os vir chegando a balançar o corpo, com a comida debaixo do braço, muito modestos. Em pouco, a beira do cais ficou coalhada (RIO, 2012, p. 139).

Nessa reportagem, novamente o autor inicia seu texto realizando descrições detalhistas do que ele vê. Diferente de ‘Os tatuadores’, o autor utiliza uma técnica narrativa que está presente tanto na introdução, como em todo restante do texto: a construção cena a cena, ou seja, uma reportagem com uma passagem de tempo linear - Em ‘Os tatuadores’ apenas no início há a construção de uma cena -. Nota-se que o jornalista não procura concentrar as informações mais importantes nos primeiros parágrafos de seu texto, ele literalmente conta uma história, relata de sua experiência de um dia com os trabalhadores, e é preciso se aventurar integralmente no texto para ter conhecimento de tudo que o autor vivenciou.

Há também dois elementos presentes nas três reportagens escolhidas, que estão salientados nessa introdução recortada de ‘Os trabalhadores de estiva’: a imersão e a autoria (LIMA, 1993). Exemplo disso se encontra no trecho “Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva [...]” (RIO, 2012, p. 139), pois, além de se inserir na narrativa, João do Rio revela a forma como se dedicou a essa reportagem. A imersão do repórter é uma característica presente nas reportagens do jornalismo convencional. Entretanto, a voz autoral, que insere o jornalista na narrativa, não é

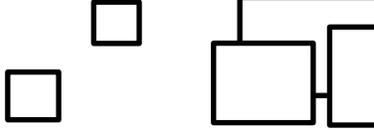


um elemento usual, pois, a pessoalidade minimiza o caráter objetivo e imparcial do texto (PENA, 2013), e conforme visto na revisão bibliográfica, essas são duas marcas da narrativa informativa. Passa-se agora para a análise dos primeiros parágrafos da última reportagem: ‘A galeria superior’.

A galeria superior é dividida por um tapume, com portas de espaço a espaço para o livre trânsito dos guardas. Os presos não podem ver os cubículos fronteiros. Os olhos abrangem apenas os muros brancos e a divisão de madeira que barra a cal das paredes. Quando a vigilância diminui, falam de cubículo para cubículo, atiram por cima do tapume jornais, cartas, recordações. Estão atualmente na galeria duzentos e trinta e oito detentos. A aglomeração torna-os hostis. Há confabulações de ódio, murmúrios de raiva, risos que cortam como navalhas. Com o sentido auditivo educadíssimo, basta que se dirija a palavra baixo a alguém do primeiro cubículo para que o saibam no último. E então surgem todos, agarram-se às grades, com o olhar escarninho dos bandidos e a curiosidade má que lhes decompõe a cara (RIO, 2012, p. 177).

Nesse trecho supracitado nota-se uma maior objetividade no início do relato. Presume-se que o autor tenha escolhido essa forma mais direta de introduzir sua narrativa, por ser ela parte de uma série de reportagens, que vinham sendo públicas na ‘Gazeta de Notícias’. O narrador, de princípio, foca em informações precisas e objetivas, como a estrutura da galeria, o número de presos e a forma como se comunicam.

Essa reportagem é a que mais se aproxima do Lide, pois, de certa forma, situa rapidamente o leitor na temática. Porém, ao contrário do que sugere a técnica, o núcleo ou os núcleos de interesse que João do Rio pretende dar a sua reportagem, não estão



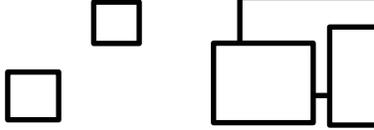
apenas nos primeiros parágrafos, mas sim ao longo de todo texto, como: a forma que sobrevive os condenados, a maneira que encontraram para se distraírem, os tipos de crimes, a superlotação, a ‘pedagogia do crime’, etc.

Observando as três reportagens, e com base na proposta da técnica escolhida de análise, nota-se que João do Rio não se limitou em utilizar apenas uma estrutura ou técnica para introduzir o leitor na narrativa. O jornalista utilizava diversos recursos, como a transcrição de diálogos, a construção cena a cena, o relato objetivo, etc. Narração, descrição, dissertação ou com análise histórica, João do Rio utilizava a criatividade para proporcionar aos seus leitores textos multiformes e mais humanos, sem deixar de lado o caráter informativo.

Realizada a análise sobre a perspectiva da quinta ponta da estrela, atenta-se agora para a próxima ponta, que trata, sobretudo, a qual fonte um jornalista deve recorrer e qual deve evitar, analisando assim, através dos textos escolhidos, quais fontes João do Rio escolhia para elaborar suas reportagens.

3.4.6 Sexta ponta da Estrela: Evitar os definidores primários

A sexta ponta da estrela trata sobre ‘evitar os definidores primários’. Mas quem seriam eles? Segundo Pena (2008), os definidores primários seriam, conforme apontado no referencial, os ‘entrevistados de plantão’ ou fontes oficiais. São os indivíduos que sempre ‘aparecem’ na imprensa, pois, como no jornalismo diário se tem pouco tempo para elaborar e finalizar uma pauta, os jornalistas



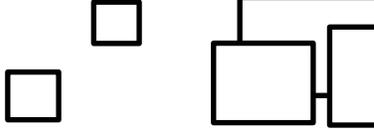
acabam recorrendo sempre às fontes ‘legitimadas’, deixando de lado outros possíveis pontos de vista, como, por exemplo, o do cidadão comum ou do anônimo.

Mas no Jornalismo Literário, os jornalistas podem propor o rompimento dessa tendência, evitando os definidores primários para compor um texto dinâmico com diversas visões e opiniões. Após essa definição, passa-se agora para a análise dos textos de João do Rio, observando quais são as pessoas que ele se relacionava e utilizava como fonte para formular suas reportagens.

Por se tratar de temas e não fatos isolados ou factuais, para escrever suas reportagens, João do Rio se relacionava, e até mesmo convivia por algum período, com fontes diretamente ligadas à temática pesquisada, independentemente de serem fontes ‘primárias’ ou não. Em ‘Os tatuadores’, o jornalista conviveu por três meses com Madruga, chefe dos marcadores ambulantes, o qual proporcionou ao autor muitas informações, dados e o apresentou ao cotidiano dos tatuadores.

Contudo, João do Rio não se deteve em apenas ter como fonte o chefe dos marcadores ambulantes, ele observou e ouviu muitas das pessoas que eram marcadas, como, por exemplo, o marinheiro que tinha Cristo tatuado no peito e uma cruz negra nas costas: “Mandou fazer esse símbolo por esperteza. Quando sofre castigos, os guardiões sentem-se apavorados e sem coragem de sová-lo. — Parece que estão dando em Jesus! (RIO, 2012, p. 57).

O jornalista também observou o trabalho de outros tatuadores, exemplo disso encontra-se no início e no fim da



narrativa. No início o autor descreve uma cena onde um ‘petiz’ tatuador negocia com o cliente, e no fim, João diálogo com esse mesmo ‘petiz’, encerrando a reportagem:

Aquele pequeno impressionou-me de novo na sua profissão estranha. Indaguei:

— Quanto fizeste hoje?

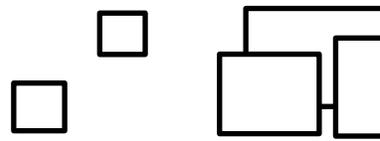
— Hoje fiz doze mil réis.

E eu compreendi que afinal tatuador deve ser uma profissão muito mais interessante que a de amanuense de secretaria... (RIO, 2012, p. 57).

Em ‘Os Trabalhadores de estiva’, o autor tem como fonte os próprios trabalhadores da estiva carioca, com exceção do delegado de polícia, sobre o qual João do Rio faz uma breve referência, com o objetivo de apontar uma concepção antagônica e provavelmente distorcida, do que realmente, através do contato pessoal, ele percebe dos trabalhadores: “Durante a última *grève*, um delegado de polícia dissera-me: — São criaturas ferozes! Nem a tiro. Eu via, porém, essas fisionomias resignadas à luz do sol e elas me impressionavam de maneira bem diversa [...] (RIO, 2012, p. 139).

Logo no início da narrativa, o jornalista deixa claro sua intenção de se infiltrar no ambiente dos trabalhadores por um dia inteiro. No texto, o autor dialoga com quatro trabalhadores, revelando perfis e elementos pertinentes para o desdobramento da reportagem. Observa-se, agora, dois momentos do texto em que o jornalista manteve contato com suas fontes.

A primeira fonte foi o trabalhador que permitiu que João do Rio se infiltrasse no meio deles: “Acerquei-me do primeiro: — Posso ir com vocês, para ver? Ele estendeu a mão, mão degenerada

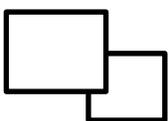


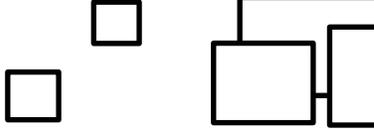
pelo trabalho, com as falanges recurvas e a palma calosa e partida. — Por que não? Vai ver apenas o trabalho (RIO, 2012, p. 139). Através desse operário, o jornalista conseguiu extrair muitas informações sobre o trabalho e o cotidiano da estiva, durante todo percurso de lancha, do cais até o navio. A segunda fonte destacada desponta o foco mais importante da reportagem - o problema social vivido por esses trabalhadores:

Que querem eles? Apenas ser considerados homens dignificados pelo esforço e a diminuição das horas de trabalho, para descansar e para viver. Um deles, magro, de barba inculta, partindo um pão empapado de suor que lhe gotejava da fronte, falou-me, num grito de franqueza:

— O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que este país é rico, mas que se morre de fome? É mais fácil estourar um trabalhador que um larápio? O capital está nas mãos de grupo restrito e há gente demais absolutamente sem trabalho. Não acredite que nos baste o discurso de alguns senhores que querem ser deputados. Vemos claro e, desde que se começa a ver claro, o problema surge complexo e terrível. A greve, o senhor acha que não fizemos bem na greve? Eram nove horas de trabalho. De toda a parte do mundo os embarcações diziam que trabalho da estiva era só de sete! [...] (RIO, 2012, p. 139).

Nota-se, nos trechos recortados e na leitura integral do texto, que em nenhum momento João entrevista algum representante da categoria ou algum chefe, que no caso representaria a fonte ‘oficial’- o definidor primário. Outro elemento a ser destacado, é o fato de o autor não apresentar ao leitor o nome dos personagens na narrativa. Essa característica talvez se explique no fato de que na época, os trabalhadores de estiva haviam feito





uma greve muito significativa e repercutida, e revelar seus nomes poderia comprometê-los.

Na ‘Galeria superior’, João do Rio se relaciona com guardas e presos, porém mais com os últimos, por serem eles o focam da reportagem, embora as observações e descrições do autor sejam predominantes. Nas outras reportagens da série, os textos apresentam uma maior interação dos guardas com o autor, contudo, no texto em questão, eles apenas possuem o papel de indicar ao jornalista, os criminosos de mais destaque para a matéria: “O guarda aponta o Cecílio Orbano Reis, assassino, na Saúde, de uma mulher que lhe resistira; o João Dedone, facínora cínico; matadores ocasionais, como Joaquim Santana Araújo, quase demente [...] (RIO, 2012, p. 178).

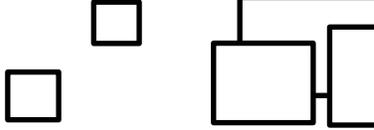
Já com os presos, João observa, interroga e questiona sobre seus crimes e desejos, como, por exemplo, nesse trecho: João Manuel Soares, acusado de tentativa de morte na pessoa do Sr. Cantuária, que leva, numa agitação perpétua, a dizer: — Eu sei, foi o bicho... foi por causa do bicho, hein? Está claro! (RIO, 2012, p. 178). Ou neste outro, que encerra a reportagem:

Mas era inútil. Para que, se o crime está na própria organização da polícia? Está marcado! E eu ia deixar esse canto do jardim sinistro quando vi uma pobre criancinha, magra, encostada à parede, o olhar já a se encher de sombra.

— Como te chamas?

— José Bento.

Tinha catorze anos e era acusado de crime de morte. Fora por acaso, o outro dissera-lhe um palavrão... Quem sabe lá? Talvez fosse. E, cheio de piedade, perguntei:



— Vamos lá, diga o que o menino quer. Prometo dar.

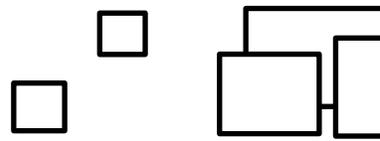
— Eu? Ah! Os outros são maus... são valentes, sim, senhor... metem raiva à gente... Até têm armas escondidas! A gente tem que se defender... Eu tinha vontade... de uma faca... E cobriu o rosto com as mãos trêmulas (RIO, 2012, p. 182).

Conforme a definição proposta pela sexta ponta da estrela, entende-se que nessas três reportagens João do Rio não se limitou a ouvir os definidores primários. O contato apenas com as fontes oficiais ou as que representassem institucionalmente cada classe retratada, provavelmente, tornaria suas narrativas mais superficiais e com pouca diversidade de ideias e visões, e não permitiria a imersão na realidade de cada pauta e a profundidade dos relatos – duas das características de seu trabalho. Para tratar melhor sobre a profundidade dos relatos dos textos de João do Rio, passa-se agora para a última ponta da estrela, sobre a qual Pena (2008) diz ser a mais importante característica do Jornalismo Literário: garantir aos relatos perenidade e profundidade.

3.4.7 Sétima ponta da Estrela: Garantir perenidade

Sobre a última ponta da estrela, pode-se afirmar que ela é o objetivo de um jornalista literário e o resultado da aplicação das outras seis pontas. Perenidade e profundidade aos relatos significam que “uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial” (PENA, 2008, p. 15).

Diferente do jornalismo diário, onde as matérias possuem curta ‘validade’ e logo caem no esquecimento, as narrativas jornalístico-literárias procuram ser permanentes, passando por

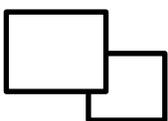


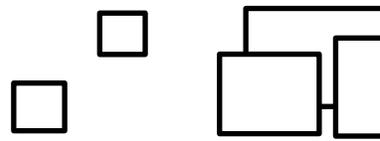
diversas gerações e contribuindo de alguma forma para a construção do conhecimento e nas divulgações de informações. Um grande exemplo dessa característica são os trabalhos realizados por João do Rio.

João escreveu muitas reportagens, crônicas, romances e peças de teatro, e o fato dos textos dele ainda serem lidos e reimpressos por diversas editoras, é uma prova da perenidade de seu trabalho. Mas o que torna seus textos perenes? Ao realizar a análise, percebe-se que não é um, mas um conjunto de elementos que formam uma narrativa com longa durabilidade.

‘Os tatuadores’, ‘Os trabalhadores de estiva’ e ‘A galeria superior’ possuem características que as tornaram em relevantes leituras para diversas gerações, mesmo depois de mais de cem anos da primeira publicação. Algumas características são: o estilo e a criatividade na narração; temáticas que não se limitam à factualidade; a imersão, a profundidade e a grande abrangência nos relatos; o caráter social e humano da pauta, entre outras.

Esses elementos estão presentes nas três reportagens, sendo que alguns foram vistos dentro da perspectiva das pontas da estrela, como, por exemplo, na ponta que trata sobre ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, onde foi constatado que as reportagens tratam de temas que vão além do factual, ao estabelecer reflexões duradoras sobre problemas sociais que, em muitos casos, permanecem até os dias atuais, ou ao proporcionar uma análise histórica de um período, observando o progresso ou retrocesso social.

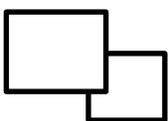


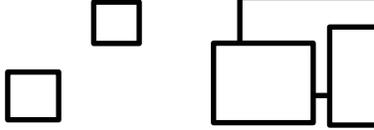


Pode-se dizer que em conjunto com ‘ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos’, ‘proporcionar visões amplas da realidade’ é outro exemplo de uma ponta que fortalece o caráter perene de um texto, sendo que também foram observadas essas características nas reportagens de João do Rio. Na medida em que o autor emerge no ‘universo’ de cada pauta e destaca diversos pontos sobre cada tema, amplia-se a contextualização e a ‘visão’ dos leitores na realidade abordada, pois cada assunto é tratado a partir de diversos ângulos, o que consequentemente proporciona diversas reflexões.

As outras pontas: exercer plenamente a cidadania, romper com as correntes burocráticas do Lide, evitar os definidores primários e potencializar os recursos do jornalismo, ao sugerirem alternativas ao texto convencional do jornalismo diário -como foi analisado e destacado no *corpus* deste trabalho -, também contribuem na perenidade de uma narrativa.

Outra característica importante a ser salientada, é que dependendo da época que são lidas, narrativas que atravessam gerações podem assumir diferentes sentidos. Mesmo sendo textos perenes, a forma como é assimilada a mensagem depende do contexto histórico, cultural e regional do leitor. Assim, de forma genérica, pode-se dizer que o trabalho de João do Rio assume, na atualidade, um papel de ‘inventário’ de um período histórico peculiar do Rio de Janeiro, no qual o jornalista desvenda contextos e personagens pouco conhecidos, e provavelmente pouco expostos pela imprensa tradicional.

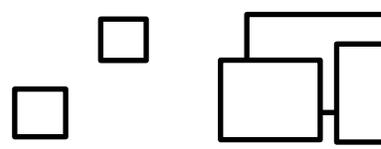




Finalizada as análises das sete pontas da ‘Estrela’ de Pena (2008), cabe ressaltar algumas observações. A primeira é relativa à proposta de ‘testar’ a ‘Estrela’, já que foi utilizada como técnica de análise. Sabido que os textos de João do Rio refletem o encontro de jornalismo e literatura, pois tratam de narrativas consagradas dentro do ‘gênero’ jornalístico, um dos objetivos é verificar qual o grau de validade das características propostas por Pena (2008) sobre as narrativas jornalístico-literárias, e sobre isso, considera-se, a partir das análises realizadas, que as categorias de cada ponta são validas e condizem com a estrutura proposta e feita no ‘gênero’ Jornalismo Literário.

‘Estrela de Sete Pontas’ e três reportagens de ‘A Alma Encantadora das Ruas’ foram em conjunto observadas e verificadas, obtendo-se como resposta a consonância entre a teoria e a prática. Mas isso não significa que, caso a avaliação obtivesse a não congruência das análises, que o resultado seria a refutação total o parcial da ‘Estrela’; seria necessário o levantamento de hipóteses e causas, entre as pontas e os textos, para se chegar a um parecer. Lembrando que este trabalho trata-se apenas do início de uma pesquisa, sendo que o resultado positivo das análises pode ser diferente, ou não, em um trabalho que futuramente possa aprofundar a temática aqui proposta.

Além de observar a forma como a ‘Estrela de Sete Pontas’ está inserida em um texto jornalístico-literário, a utilização dela como ferramenta de análise, possibilitou conhecer e perceber as diferentes e criativas formas como João do Rio elaborava suas

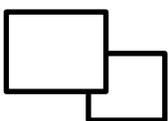


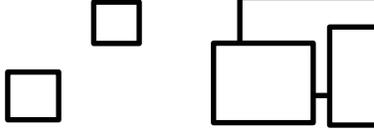
reportagens, e apesar de não ser o ‘problema’ proposto por esse trabalho, foi um dos objetivos, alcançado, mais significativo. As análises sobre o trabalho do autor renderam algumas considerações, que são importantes de se ressaltar.

João do Rio se mostrou um repórter dinâmico, observador e perspicaz. Seus textos comprovam que o jornalista cumpria, com excelência, todas as fases do processo de produção de uma reportagem. Em relação às pautas, assim como já foi abordado, o autor selecionava temas de caráter humano, evidenciando histórias desconhecias ou negligenciadas pela sociedade. João vivia num contexto de uma cidade que evoluía, mas que mantinha em suas ruas e becos a pobreza, o descaso, o crime, e diversos aspectos que passariam provavelmente despercebidos aos olhos de um jornalista menos atento.

Em relação à apuração jornalística, João foi um repórter que saía da redação e ‘mergulhava’ na realidade de seus assuntos. Pode-se dizer, com base nos próprios textos, que ele captava dados e informações através de três formas: pesquisa, observação e fontes. A pesquisa foi percebida quando o autor, nas três reportagens, realizou um breve resgate histórico, com o objetivo de contextualizar o assunto, ou traçar um paralelo entre o passado e o presente da época.

A observação foi perceptível na medida em que João descreveu, com demasiados detalhes, cenários, personagens e seus perfis, permitindo que os leitores pudessem, através dos olhos do jornalista, ‘viver’ e sentir aquela realidade descrita. Sobre as fontes,





tema de umas das pontas da ‘Estrela’, provavelmente foi a maneira mais significativa de entender e extrair informações dos diversos contextos, pois, além de conseguir dados objetivos, ao conviver com os personagens daquelas realidades, o autor conseguiu observar e transmitir aos seus leitores os diferentes perfis e sentimentos dos personagens que caracterizavam a realidade apresentada.

A produção textual também chama atenção pela singularidade, de forma que seus textos são reconhecidos tanto no meio literário como no jornalístico. Ao contrário de muitos escritores e jornalistas de sua época, que produziam matérias superficiais com conteúdo densos e de difícil entendimento, João elaborava suas reportagens com profundidade e imersão. Pode-se dizer que a forma criativa que ele apresentava os elementos textuais ultrapassaram a ficção, para tratar da realidade e apresentá-la aos seus leitores como ele a enxergava, mesmo lançando mão de recursos literários em conjunto com os jornalísticos.

Após realizar a verificação da última ponta, finalizando a ‘Estrela de Sete Pontas’ sob as reportagens de ‘A Alma Encantadora das Ruas’, e de tecer alguns pareceres sobre a análise de forma geral, o próximo tópico deste trabalho destina-se às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

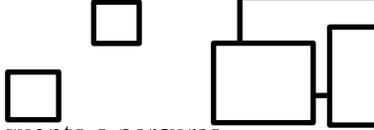
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi orientado pela curiosidade em explorar e testar a ‘Estrela de Sete Pontas’, de Felipe Pena, em textos reconhecidos no Jornalismo Literário. Para tanto, se buscou em João do Rio reportagens do seu livro ‘A Alma Encantadora das Ruas’, onde é notável o encontro das duas narrativas: jornalismo e literatura.

Com a revisão bibliográfica sobre o Jornalismo e o Jornalismo Literário, pôde-se rever teorias, histórias e conceitos, os quais foram importantes na realização da análise. No capítulo 1, além de desenhar a trajetória histórica do Jornalismo, procurou-se também estabelecer a trajetória das narrativas jornalísticas e suas características, nas quais a jornalístico-literária está inclusa.

O capítulo 2 ocupou-se especificamente do ‘gênero’ jornalístico foco deste trabalho. Foi realizado um panorama histórico e conceitual do Jornalismo Literário, sendo que foi nesta parte do trabalho que se pesquisou e revisou a teoria de Pena sobre o ‘gênero’, utilizada como técnica de análise.

Com base no referencial teórico e na análise do *corpus* do trabalho, no capítulo três chegou-se à constatação de que a ‘Estrela de Sete Pontas’ de Pena (2008), utilizada como técnica de análise, condiz com a maneira como o Jornalismo Literário é realizado, pois, cada ponta dessa ‘Estrela’ foi desmembrada, assim como cada reportagem, e foi verificado que há consonância entre a teoria de Pena e os textos de João do Rio.



Essa constatação não foi tão importante quanto o percurso realizado para chegar a tal afirmação. Durante a análise, foi relevante observar a forma como João do Rio elaborou suas reportagens, a maneira como ele selecionava abordagens humanas, para desenvolver textos criativos, híbridos e repletos de sua subjetividade.

Além de observar que, apesar de ser grande a distância temporal entre a ‘Estrela de Sete Pontas’ e ‘A Alma Encantadora das Ruas’, a conformidade entre ambas é um sinal de que a teoria projetada para um Jornalismo Literário contemporâneo se enquadra também nos diferentes períodos da história, onde os profissionais se dedicaram em fazer um jornalismo alternativo, preocupado com questões diversas do factual e que proporciona ao jornalista o desenvolvimento de sua criatividade e de seu raciocínio crítico.

Este trabalho foi muito significativo, pois, por não ser o Jornalismo Literário um gênero especificamente estudado durante a graduação, realizar uma pesquisa bibliografia sobre o tema, assim como analisar os textos de João do Rio, foi uma experiência muito relevante e interessante para o desenvolvimento acadêmico. Frisa-se também, que é objetivo deste trabalho, o incentivo a futuras pesquisas na área do Jornalismo Literário, já que ainda é pouco explorada, tanto na academia como na prática. Da mesma forma, se incentiva estudos mais extensos e que se aprofundem no trabalho realizado por João do Rio, pois seus textos são exemplos de um jornalismo de rua, que se preocupa com as mazelas sociais, que registram uma época e que se apresenta ao público num estilo que ultrapassou e cativou diversas gerações.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Follo Masucci, 1969.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. São Paulo: Sulina, 1976.

CALLADO, Ana Arruda. **O texto em veículos impressos**. São Paulo: Loyola, 2002.

CASATTI, Denise. **O jornalismo literário encontra-se adormecido**. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/denise.htm#info>> Acesso em: 01/09/2016.

Dicionário escolar de língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras. São Paulo: 2 Ed. Companhia Editora Nacional, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2013.

FURASTLÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das normas da ABNT**. 15ª Ed. Porto Alegre, 2010.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. 3ª ed. Porto alegre: Ortiz, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia. Métodos de investigação da Imprensa**. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: 4º Ed. Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **CONCEITOS**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário. 2009. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>> . Acesso em 10/09/2016.

MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da revista Realidade: 1966-1968**. São Paulo: Alameda, 2007.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. São Paulo: Ediouro, 1956.

ORMANEZE, Fabiano. **Pistas para decifrar o enigma: uma análise de Os Sertões a partir do jornalismo literário**. Campinas: Letras, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker. 2001.

MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2010.

MORAES, Letícia Nunes. **Leituras da Revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007.

NALDONI, T. VENCESLAU, P. 2006. Número 1: **para quem tem um parafuso a mais**. *Revista Imprensa*, São Paulo, ed. 218.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: 3º. Ed. Contexto, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: 2º. Ed. Contexto, 2008.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de redação: o texto nos meios de informação.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso.** Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em 04/08/2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Média** (2ª edição revista e ampliada). Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2006. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em 04/08/2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em 24/08/2016

SQUARISI, Dad. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio: Uma Biografia.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato.** São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

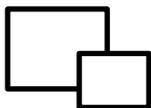
TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são.** Florianópolis: 3º Ed. Insular. 2012

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: 3º Ed. Insular, 2013.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista.** São Paulo: Summus, 1996.

VILAS BOAS, Sergio. **Jornalismo Literário: um percurso filosófico.** São Paulo: ABJL/TextoVivo Edições, 2008.

WOLF, Tom. **Radical Chique e o novo Jornalismo**. São Paulo: 2º Ed.
Companhia das Letras, 2005.



ANEXOS

1 A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS⁷

1.1 OS TATUADORES (P. 17-21) - SEÇÃO O QUE SE VÊ NAS RUAS

Os Tatuadores

— Quer marcar?

Era um petiz de doze anos talvez. A roupa em frangalhos, os pés nus, as mãos pouco limpas e um certo ar de dignidade na pergunta. O interlocutor, um rapazola louro, com uma dourada carne de adolescente, sentado a uma porta, indagou:

— Por quanto?

— É conforme, continuou o petiz. É inicial ou coroa?

— É um coração!

— Com nome dentro?

O rapaz hesitou. Depois:

— Sim, com nome: Maria Josefina.

— Fica tudo por uns seis mil réis.

Houve um momento em que se discutiu o preço, e o petiz estava inflexível, quando vindo do quiosque da esquina um outro se acercou.

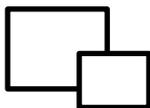
— Ó moço, faço eu; não escute embromações!

— Pagará o que quiser, moço.

O rapazola sorria. Afinal resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço. O petiz tirou do bolso três agulhas amarradas, um pé de cálix com fuligem e começou o trabalho. Era na Rua Clapp, perto do cais, no século XX... A tatuagem! Será então verdade a frase de Gautier: “o mais bruto homem sente que o ornamento traça uma linha indelével de separação entre ele e o animal, e quando não pode enfeitar as próprias roupas recama a pele”?

A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Loocks que a introduziu no ocidente, e esse escrevia *tattou*, termo da Polinésia de *tatou* ou *to tahou*, desenho. Muitos dizem mesmo que a palavra surgiu no ruído perceptível da agulha da pele: tac, tac. Mas como é ela antiga! O primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem.

Desde os mais remotos tempos vêmo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe para selvagens das ilhas Marquesas, vestimenta moralizadora para os incolas da Oceânia, sinal de amor, de desprezo, de ódio, bárbara tortura do Oriente, baixa usança do Ocidente. Na Nova Zelândia é um enfeite; a Inglaterra universaliza o adorno dos selvagens que colhem o *phormium tenax* para lhe aumentar a renda, e Eduardo com a âncora e o dragão no braço esquerdo é só por si um problema de psicologia e de atavismo.



Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credence. Por ele se reconstrói a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fúfias¹⁶ de porta aberta, cuja alegria e cujas dores se desdobram no estreito espaço das alfurjas¹⁷ e das chombergas¹⁸, cujas tragédias de amor morrem nos cochicholos sem ar, numa praga que se faz de lágrimas. A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a história das paixões. Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos — são a exteriorização da alma de quem os traz.

Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade. Os negros guardam a forma fetiche; além dos golpes sarados com o pó preservativo do mau olhado, usam figuras complicadas. Alguns, como o Romão da Rua do Hospício, têm tatuagens feitas há cerca de vinte anos, que se conservam nítidas, apesar da sua cor — com que se confunde a tinta empregada.

Quase todos os negros têm um crucificado. O feiticeiro Ononenê, morador à Rua do Alcântara, tem do lado esquerdo do peito as armas de Xangô, e Felismina de Oxum a figura complicada da santa d'água doce. Esses negros explicam ingenuamente a razão das tatuagens. Na coroa imperial hesitam, coçam a carapinha e mumuram, num arranco de toda a raça, num arranco mil vezes secular de servilismo inconsciente:

— Eh! Eh! Pedro II não era o dono?

E não se fotografam com um pavor surdo, como se fosse crime usar essas marcas simbólicas.

Os turcos são muçulmanos, maronitas, cismáticos, judeus, e nestas religiões diversas não há gente mais cheia de abusões, de receios, de medos. Nas casas da Rua da Alfândega, Núncio e Senhor dos Passos, existem, sob o soalho, feitiçarias estranhas, e a tatuagem forra a pele dos homens como amuletos. Os maronitas pintam iniciais, corações; os cismáticos têm verdadeiros *eikones*¹⁹ primitivos nos peitos e nos braços; os outros trazem para o corpo pedaços de paramentos sagrados. É por exemplo muito comum turco com as mãos franjadas de azul, cinco franjas nas costas da mão, correspondendo aos cinco dedos. Essas cinco franjas são a simbolização das franjas da *talet*²⁰, vestimenta dos *Khasan*, nas quais está entrançado a fio de ouro o grande nome de *Ihaveh*²¹.

A outra camada é a mais numerosa, é toda a classe baixa do Rio — os vendedores ambulantes, os operários, os soldados, os criminosos, os rufiões, as meretrizes. Para marcar tanta gente a tatuagem tornou-se uma indústria com chefes, subchefes e praticantes.

Quase sempre as primeiras lições vieram das horas de inatividade na cadeia, na penitenciária e nos quartéis; mas eu contei só na Rua Barão de S. Félix, perto do Arsenal de Marinha, e nas ruelas da Saúde, cerca de trinta marcadores. Há pequenos de dez, doze anos, que saem de manhã para o trabalho, encontram os carregadores, os doceiros sentados nos portais.

— Quer marcar? perguntam; e tiram logo do bolso um vidro de tinta e três agulhas.

Muitos portugueses, cujos braços musculosos guardam coroas da sua terra e o seu nome por extenso, deixaram-se marcar porque não tinham que fazer.

— Que quer V.S.? O pequeno estava a arrelhar. Marca, moço, marca! E tanto pediu que pôs pra aí os risquinhos.

Os pequenos, os outros marcadores ambulantes, têm um chefe, o Madruga, que só no mês de abril deste ano fez trezentas e dezenove marcações. Madruga é o exemplo da

¹⁶ Vagabunda, prostituta.

¹⁷ Rua estreita com vala aberta.

¹⁸ Casa pequena e humilde.

¹⁹ Ícone (imagem) de santo da Igreja Cristã Ortodoxa.

²⁰ Tallet. Manto usado no rito da religião israelita.

²¹ Jeová no idioma hebraico.

versatilidade e da significação miriônima²² da tatuagem. Tem estado na cadeia várias vezes por questões e barulhos, vive nas Ruas da Conceição e S. Jorge, tem amantes, compõe modinhas satíricas e é poeta. É dele este primor, que julga verso:

Venha quanto antes d. Elisa
Enquanto o Chico Passos não atija
Fogo na cidade...

Homem tão interessante guarda no corpo a síntese dos emblemas das marcações — um Cristo no peito, uma cobra na perna, o signo de Salomão, as cinco chagas, a sereia, e no braço esquerdo o campo das próprias conquistas. Esse braço é o prolongamento ideográfico do seu monte de Vênus onde a quiromancia vê as batalhas do amor. Quando a mulher lhe desagrada e acaba com a chelpa, Madruga emprega leite de mulher e sal de azedas, fura de novo a pele, fica com o braço inchado, mas arranca de lá a cor do nome.

Enquanto andou a fornecer-me o seu profundo saber, Madruga teve três dessas senhoras — a Jandira, a Josefa e a Maria. A primeira a figurar debaixo de um coração foi a Jandira. Um belo dia a Jandira desaparecia, dando lugar à Josefa, que triunfava em cima, entre as chamas. Um mês depois a letra J sumira-se e um M dominava no meio do coração.

Os marcadores têm uma tabela especial, o preço fixo do trabalho. As cinco chagas custam 1\$000, uma rosa 2\$000, o signo de Salomão, o mais comum e o menos compreendido porque nem um só dos que interroguei o soube explicar, 3\$000, as armas da Monarquia e da República 6\$ a 8\$, e há Cristos para todos os preços.

Os tatuadores têm várias maneiras de tatuar: por picadas, incisão, por queimadura subepidérmica. As conhecidas entre nós são incisivas nos negros que trouxeram a tradição da África e, principalmente, as por picadas que se fazem com três agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, pólvora, acompanhando o desenho prévio. O marcador trabalha como as senhoras bordam.

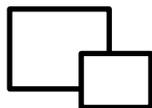
Lombroso diz que a religião, a imitação, o ócio, a vontade, o espírito de corpo ou de seita, as paixões nobres, as paixões eróticas e o atavismo são as causas mantenedoras dessa usança. Há uma outra — a sugestão do ambiente. Hoje toda a classe baixa da cidade é tatuada — tatuam-se marinheiros, e em alguns corpos há o romance imageográfico de inversões dramáticas; tatuam-se soldados, vagabundos, criminosos, barregãs, mas também portugueses chegados da aldeia com a pele sem mancha, que influência do meio obriga a incrustar no braço coroas do seu país.

Andei com o Madruga três longos meses pelos meios mais primitivos, entre os atrasados morais, e nesses atrasados a camada que trabalha braçalmente, os carroceiros, os carregadores, os filhos dos carroceiros deixaram-se tatuar porque era bonito, e são no fundo incapazes de ir parar na cadeia por qualquer crime. A outra, a perdida, a maior, o oceano malandragem e da prostituição é que me proporcionou o ensejo de estudar ao ar livre o que se pode estudar na abafada atmosfera das prisões. A tatuagem tem nesse meio a significação do amor, do desprezo, do amuleto, posse do preservativo, das idéias patrióticas do indivíduo, da sua qualidade primordial.

Quase todos os rufões e os rufistas do Rio têm na mão direita entre o polegar e o indicador, cinco sinais que significam as chagas. Não há nenhum que não acredite derrubar o adversário dando-lhe uma bofetada com a mão assim marcada. O marinheiro Joaquim tem um Senhor crucificado no peito e uma cruz negra nas costas. Mandou fazer esse símbolo por esperteza. Quando sofre castigos, os guardiões sentem-se apavorados e sem coragem de sová-lo.

— Parece que estão dando em Jesus!

²² Inumerável.



A sereia dá lábia, a cobra atração, o peixe significa ligeireza na água, a âncora e a estrela o homem do mar, as armas da República ou da Monarquia a sua compreensão política. Pelo número de coroas da Monarquia que eu vi, quase todo esse pessoal é monarquista.

Os lugares preferidos são as costas, as pernas, as coxas, os braços, as mãos. Nos braços estão em geral os nomes das amantes, frases inteiras, como por exemplo esta frase de um soldado de um regimento de cavalaria: *viva o marechal de ferro!*... desenhos sensuais, corações. O tronco é guardado para as coisas importantes, de saudade, de luxúria ou de religião. Hei de lembrar sempre o Madruga tatuando um funileiro, desejoso de lhe deixar uma estrela no peito.

— No peito não! cuspiu o mulato, no peito eu quero Nossa Senhora!

A sociedade, obedecendo à corrente das modernas idéias criminalistas, olha com desconfiança a tatuagem. O curioso é que — e esses estranhos problemas de psicologia talvez não sejam nunca explicados — o curioso é que os que se deixam tatuar por não terem mais que fazer, em geral, o elemento puro das aldeias portuguesas, o único quase incontaminável da baixa classe do Rio, mostram sem o menor receio os braços, enquanto os criminosos, os assassinos, os que já deixaram a ficha no gabinete de antropometria, fazem o possível para ocultá-los e escondem os desenhos do corpo como um crime. Por quê? Receio de que sejam sinais por onde se faça o seu reconhecimento? Isso com os da polícia talvez. Mas mesmo com pessoas, cujos intentos conhecem, o receio persiste, porque decerto eles consideram aquilo a marca de fogo da sociedade, de cuja tentação foram incapazes de fugir, levados pela inexorável fatalidade.

Há tatuagens religiosas, de amor, de nomes, de vingança, de desprezo, de profissão, de beleza, de raça, e tatuagens obscenas.

A vida no seu feroz egoísmo é o que mais nitidamente ideografa a tatuagem.

As meretrizes e os criminosos nesse meio de becos e de fachadas têm indelévels idéias de perversidade e de amor. Um corpo desses, nu, é um estudo social. As mulheres mandam marcar corações com o nome dos amantes, brigam, desmancham a tatuagem pelo processo do Madruga, e marcam o mesmo nome no pé, no calcanhar.

— Olha, não venhas com presepadas, meu macacuano. Tenho-te aqui, desgraça! E mostram ao malandro, batendo com o chinelo, o seu nome odiado.

É a maior das ofensas: nome no calcanhar, roçando a poeira, amassado por todo o peso da mulher...

Há ainda a vaidade imitativa. As barregãs das vielas baratas têm sempre um sinalzinho azul na face. É a pacholice²³, o *grain de beauté*, a gracinha, principalmente para as mulatas e as negras fúlas que o consideram o seu maior atrativo. Quando envelhecem, as pobres mulheres mandam apagar os sinais — porque querem ir limpas para o outro mundo, e a Florinda, há pouco falecida, que rolara quarenta anos nos bordéis de S. Jorge e da Conceição, dizia-me antes de morrer:

— Ai, meu senhor, isto é para os homens! Quando se fica velho arranca-se, porque a terra não vê e Deus não perdoa.

Grande parte desses homens e dessas mulheres têm o delírio mais sensual, fazem os outros símbolos. Neste caso eu tenho o Antônio Doceiro, um lindo rapazito que foi bombeiro depois de ter rolando pelo mundo, e a Anita Pau. Ambos têm desenhos curiosos por todo o corpo, e a pobre Anita mostra no calcanhar por extenso o nome do pai seus filhos e traz em cada seio a inicial dos dois pequenos como muma oferenda — a sua única oferenda de mãe aos desgraçados perdidos...

Num meio de tão fraca ilusão, onde as miçangas substituem os *pendentifs* d'arte e a vida ruge entre o desejo e o crime, depois de muito os pobres entes marcados como uma cavallhada — a cavallhada da luxúria e do assassinio —, começa a gente a sentir uma concentrada emoção e a

²³ Vaidade.

imaginar com inveja o prazer humano, o prazer camal, que eles terão ao sentir um nome e uma figura debaixo da pele, inalteráveis e para todo o sempre.

Aquele pequeno impressionou-me de novo na sua profissão estranha. Indaguei:

— Quanto fizeste hoje?

— Hoje fiz doze mil réis.

E eu compreendi que afinal tatuador deve ser uma profissão muito mais interessante que a de amanuense de secretaria...

1.2 Os trabalhadores de estiva (p.66-69) – seção três aspectos da miséria

Os Trabalhadores de Estiva

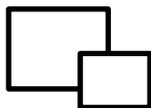
Às 5 da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos maldormidos à beira dos quiosques. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos; no interior os caixeiros, preguiçosos, erguiam os braços com bocejos largos. Das ruas que vazavam na calçada rebentada do cais, afluía gente, sem cessar, gente que surgia do nevoeiro, com as mãos nos bolsos, tremendo, gente que se metia pelas bodegas e parava à beira do quiosque numa grande azáfama. Para o cais da alfândega, ao lado, um grupo de ociosos olhava através das frinchas de um tapume, rindo a perder; um carregador, encostado aos umbrais de uma porta, lia, de óculos, o jornal, e todos gritavam, falavam, riam, agitavam-se na frialdade daquele acordar, enquanto dos botes policrômicos homens de camisa de meia ofereciam, aos berros, um passeiozinho pela baía. Na curva do horizonte o sol de maio punha manchas sangrentas e a luz da manhã abria, como desabrocha um lírio, no céu pálido.

Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva e, naquela confusão, via-os vir chegando a balançar o corpo, com a comida debaixo do braço, muito modestos. Em pouco, a beira do cais ficou coalhada. Durante a última *grève*, um delegado de polícia dissera-me:

— São criaturas ferozes! Nem a tiro.

Eu via, porém, essas fisionomias resignadas à luz do sol e elas me impressionavam de maneira bem diversa. Homens de excessivo desenvolvimento muscular, eram todos pálidos — de um pálido embaciado como se lhes tivessem pregado à epiderme um papel amarelo, e assim, encolhidos, com as mãos nos bolsos, pareciam um baixo-relevo de desilusão, uma frisa de angústia.

Acerquei-me do primeiro, estendi-lhe a mão:



— Posso ir com vocês, para ver?

Ele estendeu também a mão, mão degenerada pelo trabalho, com as falanges recurvas e a palma calosa e partida.

— Por que não? Vai ver apenas o trabalho, fez com amarga voz.

E ficou-se, outra vez, fumando.

— É agora a partida?

— É.

Entre os botes, dois saveiros enormes, rebocados por uma lancha, esperavam. Metade dos trabalhadores, aos pulos, bruscamente, saltou para os fardos. Saltei também. Acostumados, indiferentes à travessia, eles sentaram-se calados, a fumar. Um vento frio cortava a baía. Todo um mundo de embarcações movia-se, coalhava o mar, riscava a superfície das ondas; lanchas oficiais em disparada, com a bandeira ao vento; botes, chatas¹⁰², saveiros, rebocadores. Passamos perto de uma chata parada e inteiramente coberta de oleados. Um homem, no alto, estirou o braço, saudando.

— Quem é aquele?

— É o José. É chateiro-vigia. Passou todo o dia ali para guardar a mercadoria dos patrões. Os ladrões são muitos. Então, fica um responsável por tudo, toda a noite, sem dormir, e ganha seis mil réis. As vezes, os ladrões atacam os vigias acordados e o homem, só, tem que se defender a revólver.

Civilizado, tive este comentário frio:

— Deve estar com sono, o José.

— Qual! Esse é dos que dobra dias e dias. Com mulher e oito filhos precisa trabalhar. Ah! meu senhor, há homens, por este mar afora cujos filhos de seis meses ainda os não conhecem. Saem de madrugada de casa. O José está à espera que a alfândega tire o termo da carga, que não é estrangeira.

Outras chatas perdiam-se paradas na claridade do sol. Nós passávamos entre as lanchas. Ao longe, bandos de gaiotas riscavam o azul do céu e o Cais dos Mineiros já se perdia distante da névoa vaga. Mas nós avistávamos um outro cais com um armazém ao fundo. À beira desse cais, saveiros enormes esperavam mercadorias; e, em cima, formando um círculo ininterrupto, homens de braços nus saíam a correr de dentro da casa, atiravam o saco no saveiro, davam a volta à disparada, tornavam a sair a galope com outro saco, sem cessar, contínuos como a correia de uma grande máquina. Eram sessenta, oitenta, cem, talvez duzentos. Não os podia contar. A cara escorrendo suor. Os pobres surgiam do armazém como flechas, como flechas voltavam. Um clamor subia aos céus apregoando o serviço:

— Um, dois, três, vinte e sete; cinco, vinte, dez, trinta!

E a ronda continuava diabólica.

— Aquela gente não cansa?

— Qual! trabalham assim horas a fio. Cada saco daqueles tem sessenta quilos e para transportá-lo ao saveiro pagam 60 réis. Alguns pagam menos — dão só 30 réis, mas, assim mesmo, há quem tire dezesseis mil réis por dia.

O trabalho da estiva é complexo, variado; há a estiva da aguardente, do bacalhau, dos cereais, do algodão; cada uma tem os seus servidores, e homens há que só servem a certas e determinadas estivas, sendo por isso apontados.

— É muito, fiz.

— Passam dias, porém, sem ter trabalho e imagine quantas corridas são necessárias para ganhar a quantia fabulosa.

A lancha fizera-se ao largo. Caminhávamos para o poço onde o navio que devia sair naquela noite fundeava, todo de branco. Era o começo do dia. A bordo ficou um terno de

¹⁰² Barca para transporte de carga pesada, com popa e proa iguais para facilitar a atracação.

homens, e eu com eles. O terno divide-se assim: um no guincho, quatro na embarcação, oito no porão e quatro no convés. Isso quando a carga é seca. Carregava café o vapor.

Logo que o saveiro atracou, eles treparam pelas escadas, rápidos; oito homens desapareceram na face aberta do porão, despiram-se, enquanto os outros rodeavam o guincho e as correntes de ferro começavam a ir e vir do porão para o saveiro, do saveiro para o porão, carregadas de sacas de café. Era regular, matemático, a oscilação de um lento e formidável relógio.

Aqueles seres ligavam-se aos guinchos; eram parte da máquina; agiam inconscientemente. Quinze minutos depois de iniciado o trabalho, suavam arrancando as camisas. Só os negros trabalhavam de tamancos. E não falavam, não tinham palavras inúteis. Quando a ruma¹⁰³ estava feita, erguiam a cabeça e esperavam a nova carga. Que fazer? Aquilo tinha que ser até às 5 da tarde!

Desci ao porão. Uma atmosfera de caldeira sufocava. Era as correntes caírem do braço de ferro um dos oito homens precipitava-se, alargava-as, os outros puxavam os sacos.

— Eh! lá!

De novo havia um rolar de ferros no convés, as correntes subiam enquanto eles arrastavam os sacos. Do alto a claridade caía fazendo uma bolha de luz, que se apagava nas trevas dos cantos. E a gente, olhando para cima, via encostados cavalheiros de pijama e bonezinho, com ar de quem descansa do banho a apreciar a faina alheia. Às vezes, as correntes ficavam um pouco alto. Eles agarravam-se às paredes de ferro com os passos vacilantes entre os sacos e, estendendo o tronco nu e suarento, as suas mãos preênses puxavam a carga em esforços titânicos.

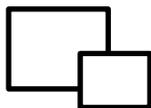
— Eh! lá!

Na embarcação, fora, os mesmos movimentos, o mesmo gasto de forças e de tal forma regular que em pouco eram movimentos correspondentes, regulados pela trepidação do guincho, os esforços dos que se esfalfavam no porão e dos que se queimavam ao sol.

Até horas tardes da manhã trabalharam assim, indiferentes aos botes, às lanchas, à animação especial do navio. Quando chegou a vez da comida, não se reuniram. Os do porão ficaram por lá mesmo, com a respiração intercortada, resfolegando, engolindo o pão, sem vontade.

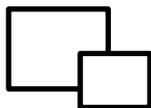
Decerto pela minha face eles compreenderam que eu os deplorava. Vagamente, o primeiro falou; outro disse-me qualquer coisa e eu ouvi as idéias daqueles corpos que o trabalho rebenta. A principal preocupação desses entes são as firmas dos estivadores. Eles as têm de cor, citam de seguida, sem errar uma: Carlos Wallace, Melo e François, Bernardino Correia Albino, Empresa Estivadora, Picasso e C., Romão Conde e C., Wilson, Sons, José Viegas Vaz, Lloyd Brasileiro, Capton Jones. Em cada uma dessas casas o terno varia de número e até de vencimentos, como por exemplo —o Lloyd, que paga sempre menos que qualquer outra empresa.

Os homens com quem falava têm uma força de vontade incrível. Fizeram com o próprio esforço uma classe, impuseram-na. Há doze anos não havia malandro que, pegado na Gamboa,



não se desse logo como trabalhador de estiva. Nesse tempo não havia a associação, não havia o sentimento de classe e os pobres estrangeiros pegados na Maritima trabalhavam por três mil réis dez horas de sol a sol. Os operários reuniram-se. Depois da revolta, começou a se fazer sentir o elemento brasileiro e, desde então, foi uma longa e pertinaz conquista. Um homem preso, que se diga da estiva, é, horas depois, confrontado com um sócio da União, tem que apresentar o seu recibo de mês. Hoje, estão todos ligados, exercendo uma mútua policia para a moralização da classe. A *União dos Operários Estivadores* consegue, com uns estatutos que a defendem habilmente, o seu nobre fim. Os defeitos da raça, as disputas, as rugas são consideradas penas; a extinção dos tais pequenos roubos, que antigamente eram comuns, merece um cuidado

¹⁰³ Pilha.



extremado da *União*, e todos os sócios, tendo como diretores Bento José Machado, Antônio da Cruz, Santos Valença, Mateus do Nascimento, Jerônimo Duval, Miguel Rosso e Ricardo Silva, esforçam-se, estudam, sacrificam-se pelo bem geral.

Que querem eles? Apenas ser considerados homens dignificados pelo esforço e a diminuição das horas de trabalho, para descansar e para viver. Um deles, magro, de barba inculta, partindo um pão empapado de suor que lhe gotejava da frente, falou-me, num grito de franqueza:

— O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que este país é rico, mas que se morre de fome? É mais fácil estourar um trabalhador que um larápio? O capital está nas mãos de grupo restrito e há gente demais absolutamente sem trabalho. Não acredite que nos baste o discurso de alguns senhores que querem ser deputados. Vemos claro e, desde que se começa a ver claro, o problema surge complexo e terrível. A *greve*, o senhor acha que não fizemos bem na *greve*? Eram nove horas de trabalho. De toda a parte do mundo os embarcações diziam que trabalho da estiva era só de sete!

Fizemos mal? Pois ainda não temos o que desejamos.

A máquina, no convés, recomeçara a trabalhar.

— Os patrões não querem saber se ficamos inúteis pelo excesso de serviço. Olhe, vá à Marítima, ao Mercado. Encontrará muitos dos nossos arrebatados, esmolando, apanhando os restos de comida. Quando se aproximam das casas às quais deram toda a vida correm-nos!

Que foi fazer lá? Trabalhou? Pagaram-no; rua! Toda a fraternidade universal se cifra neste horror!

Do alto caíram cinco sacas de café mal presas à corrente. Ele sorriu, amargurado, precipitou-se, e, de novo, ouviu-se o pavor do guincho sacudindo as correntes donde pendiam dezoito homens estrompados. Até à tarde, encostado aos sacos, eu vi encher a vastidão do porão bafioso e escuro. Eles não pararam. Quando deu cinco horas um de barba negra tocou-me no braço:

— Por que não se vai? Estão tocando a sineta. Nós ficamos para o serão à noite... Trabalhar até à meia-noite.

Subi. Os ferros retiniam sempre a música sinistra. Encostados à amurada, damas roçagando sedas e cavalheiros estrangeiros de *smoking*, debochavam, em inglês, as belezas da nossa baía; no *bar*, literalmente cheio, ao estourar do *champagne*, um moço vermelho de álcool e de calor levantava um copo dizendo:

— Saudemos o nosso caro amigo que Paris receberá...

Em derredor do paquete, lanchas, malas, cargas, imprecações, gente querendo empurrar as bagagens, carregadores, assobios, um *brouhaha*¹⁰⁴ formidável.

Um cavalheiro cheio de brilhantes, no portaló¹⁰⁵, perguntou-me se eu não vira a Lola. Desci, meti-me num bote, fiz dar a volta para ver mais uma vez aquela morte lenta entre os pesos. A tarde caíra completamente. Ritmados pelo arrastar das correntes, os quatro homens, dirigidos do convés do *steamer*¹⁰⁶, carregavam, tiravam sempre de dentro do saveiro mais sacas, sempre sacas, com as mãos disformes, as unhas roxas, suando, arrebatando de fadiga.

Um deles, porém, rapaz, quando o meu bote passava por perto do saveiro, curvou-se, com a fisionomia angustiada, golfando sangue.

— Oh! diabo! fez o outro, voltando-se. O José que não pode mais!

A Fome Negra

¹⁰⁴ Ruído confuso e indistinto, algaravia.

¹⁰⁵ Abertura lateral de navio mercante, por onde entra e sai a tripulação e a carga leve.

¹⁰⁶ Navio a vapor. Em inglês no texto.

1.3 A galeria superior (p.87-89) - seção onde às vezes termina a rua

A Galeria Superior

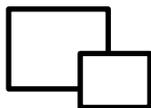
A galeria superior é dividida por um tapume, com portas de espaço a espaço para o livre trânsito dos guardas. Os presos não podem ver os cubículos fronteiros. Os olhos abrangem apenas os muros brancos e a divisão de madeira que barra a cal das paredes. Quando a vigilância diminui, falam de cubículo para cubículo, atiram por cima do tapume jornais, cartas, recordações.

Estão atualmente na galeria duzentos e trinta e oito detentos. A aglomeração torna-os hostis. Há confabulações de ódio, murmúrios de raiva, risos que cortam como navalhas. Com o sentido auditivo educadíssimo, basta que se dirija a palavra baixo a alguém do primeiro cubículo para que o saibam no último. E então surgem todos, agarram-se às grades, com o olhar escaminho dos bandidos e a curiosidade má que lhes decompõe a cara.

Ah! essa galeria! Tem qualquer coisa de sinistro e de canalha, um ar de hospedaria da infâmia à beira da vida. Nos cubículos há, às vezes, dezenove homens condenados por crimes diversos, desde os defloradores de senhoras de dezoito anos até os ladrões assassinos. A promiscuidade enoja. No espaço estreito, uns lavam o chão, outros jogam, outros manipulam, com miolo de pão, santos, flores e pedras de dominó, e há ainda os que escrevem planos de fuga, os professores de roubo, os iniciadores dos vícios, os íntimos passando pelos ombros dos amigos o braço caricioso... Quantos crimes se premeditam ali? Quantas perversidades rebentam na luz suja dos cárceres preventivos? Saciados da premeditação, há os jornais que lhes citam os nomes, há o desejo de possuir uma arma, desejo capaz de os fazer aguçar asas de caneca, o aço que prende a piaçava das vassouras, as colheres de sopa, e há ainda o jogo. Nesses cubículos joga-se

¹³² Um dos sete demônios da Cabala hebraica.

¹³³ Deus dos amonitas, com cabeça de touro, ao qual eram sacrificadas crianças.



mais de quarenta espécies de jogos. Eu só contei trinta e sete, dos quais os mais originais — o camaleão, a mosca, o periquito, o tigre, a escova, o osso, a sueca, o laço, as três chapas — são prodígios de malandragem. E nenhum deles se recusa aos parceiros. Quando algum desconhecido passa, deixam tudo, precipitam-se, alguns nus, outros em ceroulas, e há como um panorama sinistro e caótico, — negros degenerados, mulatos com contrações de símios, caras de velhos solenes, caras torpes de gatunos, cretinos babando um riso alvar, agitados delirantes, e mãos, mãos estranhas de delinquentes, finas e tortas umas, grossas algumas, moles e tenras outras, que se grudam aos varões de ferro com o embate furioso de um vagalhão.

Vive naquela jaula o crime multiforme. O guarda aponta o Cecílio Urbano Reis, assassino, na Saúde, de uma mulher que lhe resistira; o João Dedone, facinora cínico; matadores ocasionais, como Joaquim Santana Araújo, quase demente; o Mirandinha, mulato, passador de moeda falsa, se faz passar por advogado; o *Barãozinho*, gatuno; Bouças Passos, ladrão assassino, Salvador Machado, o íntimo criado da Tina Tatti; negros capangas com as bocas sujas, que resistem à prisão com fúria; desordeiros temíveis como o Eduardinho da Saúde, retorcendo os bigodes, cheio de langores; sátiros moços e velhos violadores; o célebre Pitoca, que tem sessenta e seis entradas; rapazes estelionatários e até desvairados, como João Manuel Soares, acusado de tentativa de morte na pessoa do Sr. Cantuária, que leva, numa agitação perpétua, a dizer:

— Eu sei, foi o bicho... foi por causa do bicho, hein? Está claro!

Dois baixos-relevos alucinadores, dois frisos da história do crime de uma cidade, ora alegres, ora sinistros, como se fossem nascidos da colaboração macabra de um Forain e de um Goya, dois grandes painéis a gotejar sangue, treva, pus, onde perpassam, com um aspecto de bichos lendários, os estupradores de duas crianças, de sete e de dez anos.

E em meio do charco, fatalmente destinada a desaparecer, a inocência, atirada ali pela incúria das autoridades, floresce.

Encontro ao lado de respeitáveis assassinos, de gatunos conhecidos, na tropa lamentável dos recidivos, crianças ingênuas, rapazes do comércio, vendedores de jornais, uma enorme quantidade de seres que o desleixo das pretorias torna criminosos. Quase todos estão inclusos, ou no artigo 393 (crime de vadiagem), ou no 313 (ofensas físicas). Os primeiros não podem ficar presos mais de trinta dias, os segundos, sendo menores, mais de sete meses. Os processos, porém, não dão custos, e as pretorias deixam dormir em paz a formação da culpa, enquanto na indolência dos cubículos, no contacto do crime, rapazes, dias antes honestos, fazem o mais completo curso de delitos e infâmias de que há memória. Chega a revoltar a inconsciência com que a sociedade esmaga as criaturas desamparadas. Nessa enorme galeria, onde uma eterna luz lívida espalha um vago horror, vejo caixeiros portugueses com o lápis atrás da orelha, os olhos cheios de angústia; italianos vendedores de jornais, encolhidos; *garçons de restaurant*; operários, entre as caras cínicas dos *pivettes* reincidentes e os porqueros do vício que são os chefes dos cubículos. Todos invariavelmente têm uma frase dolorosa:

— É a primeira vez que eu entro aqui!

E apelam para os guardas, sôfregos, interrogam os outros, trazem o testemunho dos chefes.

Por que estão presos? José, por exemplo, deu com uma correia na mão de um filho do cabo de um delegado; Pedro e Joaquim, ao saírem do café onde estão empregados, discutiram um pouco mais alto; Antônio atirou uma taponá à cara de Jorge. Há na nossa sociedade moços valentes, cujo *sport* preferido é provocar desordens: diariamente, senhores respeitáveis atacam-se a sopapo; jornalistas velho-gênero ameaçam de vez em quando pelas gazetas, falando de chicote e de pau a propósito de problemas sociais ou estéticos, inteiramente opostos a esses aviltantes instrumentos de razão bárbara. Nem os moços valentes, nem os senhores respeitáveis, nem os jornalistas vão sequer à delegacia.

Os desprotegidos da sorte, trabalhadores humildes, entram para a detenção com razões ainda menos fundadas.

E a detenção é a escola de todas as perdições e de todas as degenerescências.

O ócio dos cubículos é preenchido pelas lições de roubo, pelas perversões do instinto, pelas histórias exageradas e mentirosas. Um negro, assassino e gatuno, pertencente a qualquer quadrilha de ladrões, perde um cubículo inteiro, inventando crimes para impressionar, imaginando armas de asas de lata, criando jogos, armando rolos. Oito dias depois de dar entrada numa dessas prisões, as pobres vítimas da justiça, quase sempre espíritos incultos, sabem a técnica e o palavreado dos chicanistas¹³⁴ de porta de xadrez para iludir o júri, lêem com avidez as notícias de crimes romantizados pelos repórteres e o pavor da pena é o mais intenso suggestionador da reincidência. Não há um ladrão que, interrogado sobre as origens da vocação, não responda:

— Onde aprendi? foi aqui mesmo, no cubículo.

Recolhida à sombra, nesse venenoso jardim, onde desabrocham todos os delírios, todas as nevroses, é certo que a criança sem apoio lá fora, hostilizada brutalmente pela sorte, acabará voltando. Mais de uma vez, na cerimônia indiferente e glacial da saída dos presos, eu ouvi o chefe dos guardas dizer:

— Vá, e vamos a ver se não voltas.

Como mais de uma vez ouvi o mesmo guarda, quando chegavam novas levas, dizer para umas caras já sem vergonha:

— Outra vez, seu patife, hein?

Mas que fazer, Deus misericordioso? Nunca, entre nós, ninguém se ocupou com o grande problema da penitenciária. Há bem pouco tempo, a detenção, suja e imunda, com cerca de novecentos presos à disposição de bacharéis delegados, era horrível. Passear pelas galerias era passear como o Dante pelos círculos do Inferno, e antes do Sr. Meira Lima, cuja competência não necessita mais de elogio, o cargo de administrador estava destinado a cidadãos protegidos, sem a mínima noção do que vem a ser um estabelecimento de detenção.

Qual deve ser o papel da polícia numa cidade civilizada? Em todos os congressos penitenciários, até agora tão úteis como o nosso último latino-americano, ficou claramente determinado. A polícia é uma instituição preventiva, agindo com o seu poder de intimidação, e o Dr. Guillaume e o Dr. Baker chegaram, em Estocolmo, às conclusões de que uma boa polícia tem mais força que o código penal e mais influência que a prisão.

A nossa polícia é o contrário. Para que a detenção dê resultados, faz-se necessário seja conforme ao fim predominante da pena, com o firme desejo de reformar e erguer a moral do culpado. Que fazemos nós? Agarramos uma criança de catorze anos porque deu um cascudo no vizinho, e calma, indiferente, cinicamente, começamos a levantar a moral desse petiz dando-lhe como companheiros, durante os dias de uma detenção pouco séria, o *Velhinho*, punquista conhecido, o Bexiga Fraga, batedor de carteira e um punhado de desordeiros da Saúde!

A princípio tomei-lhes os nomes: Manuel Fernandes, Antônio Oliveira, Francisco Queirós, Martins, Francisco Visconti, Antônio Gomes.

Mas era inútil. Para que, se o crime está na própria organização da polícia? Está marcado! E eu ia deixar esse canto do jardim sinistro quando vi uma pobre criancinha, magra, encostada à parede, o olhar já a se encher de sombra.

— Como te chamam?

— José Bento.

Tinha catorze anos e era acusado de crime de morte. Fora por acaso, o outro dissera-lhe um palavrão... Quem sabe lá?

Talvez fosse. E, cheio de piedade, perguntei:

— Vamos lá, diga o que o menino quer. Prometo dar.

— Eu? Ah! os outros são maus... são valentes sim, senhor... metem raiva à gente... Até têm armas escondidas! A gente tem que se defender... Eu tinha vontade... de uma faca...

E cobriu o rosto com as mãos trêmulas.

¹³⁴ Referente a advogados que utilizam da chicana, esperteza pouco honesta no vocabulário jurídico.

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordado, 39
Abrangente, 13
Academia, 22
Acontecimento, 31
Agradável, 38
Agrupamentos, 55
Alma, 93
Alternativa, 42
Ambas, 11
Ambiente, 16
Amuleto, 75
Analisados, 50
Analisar, 13
Análise, 13, 66
Analítica, 45
Anônimo, 84
Aproxima, 46
Apuração, 36, 92
Argumento, 57
Arrebentados, 60
Arte, 16
Artesanal, 20
Aspectos, 56

Assuntos, 43

Atividade, 19

Atualidade, 36

Autor, 13, 16

Autores, 13

B

Bahia, 25

Baixo, 20

Bibliográfica, 11

Brasil, 25

Burocráticas, 59

C

Capitalista, 25

Capítulo, 13, 49

Características, 14, 19, 35

Caracterizada, 44

Carioca, 61

Carreira, 51

Categorias, 13

Ch

Chefe, 86

China, 19

C

Cidadania, 76

Ciência, 16
Cinema, 21
Comum, 84
Comunicação, 19
Comunidade, 16
Conhecimento, 37
Considerações, 49
Consolidou, 20
Constatação, 96
Constituição, 11
Contemporâneo, 52
Conteúdo, 23
Contexto, 16
Contextualizá, 18
Contextualizar, 73
Convencional, 14, 22, 44
Convivendo, 69
Cotação, 33
Criativa, 14
Crime', 83
Critérios, 29
Cultura, 16
D
Década, 44
Defendida, 40
Definições, 13, 14
Degenerescências, 69

Delitos, 66
Descrita, 92
Desenvolvida, 13
Desmembrada, 95
Desprezar, 39
Destina, 93
Diários, 16
Dicionário, 22
Diferentes, 11
Dinâmica, 14
Diretamente, 30
Distintas, 17
Ditadura, 45
Divisional, 33
Duração, 68
E
Econômicos, 20
Educação, 16
Elaborar, 83
Elementos, 37
Embasamento, 11
Encantadora, 11, 53
Enciclopédia, 16
Escopo, 16
Escritas, 19
Escritores, 20
Esmolando, 60

Especificidades, 13
Estados, 16
Estados Unidos, 17
Estilo, 96
Estrela, 11
Estudo, 11, 23
Evolução, 11
Exemplo, 19
Expandir, 19
Expansão, 19
Experimentar, 13
Exploração, 33
Explorar, 13
Exploratória, 13
Expostas, 19
F
Feminina, 21
Ferramentas, 37
Fielmente, 20
Fluxos, 37
Folha, 28
Formatos, 14
França, 20
Funções, 16
Furo', 39
Furtos, 58

G
Gazeta, 82
Generalista, 17
Gênero, 35, 36
Gênero', 14
Gerações, 96
Gráfica, 19
Grande, 16
Greve, 31
Grupos, 21
H
Híbrida, 14
Híbrido, 35
História, 33
História, 33
Historicamente, 18
Histórico, 14
Homicídios, 58
Homogêneo, 27
I
Ícones, 56
Identificação, 50
Identificar, 22
Idiosincrasia, 11
Iluminação, 57
Imersão, 64, 93
Imparcialidade, 28

Importante, 40
Imprescindíveis, 13
Impresso, 25
Inclusive, 47
Indicador, 33
Industrial, 25
Infantil, 21
Informações, 38
Infração, 66
Inovador, 45
Inserido, 16
Instalado, 16
Instrumento, 11
Intelectuais, 20
Interessa, 18
Interesse, 33
Interligadas, 55
J
João Do Rio, 11
Jornalismo, 14, 40, 53
Jornalismo, 11
Jornalística, 11
L
Leitores, 26, 44
Liberdade, 16
Literárias, 21
Literário, 16

Literatura, 11
Livramento, 16
Livro, 38, 50
M
Mães, 31
Manifesta, 43
Manual, 28
Materiais, 50
Mazelas, 55, 96
Médicos, 40
Medida, 11, 92
Melódico, 36
Mendigos, 58
Mensurar, 19
Metáforas, 38
Minucioso, 44
Modalidade, 17
Monarquia, 20
Motivação, 53
N
Narrativa, 11, 14, 18, 42
Narrativas, 11, 13
Necessário, 11
Nota, 19
Notícia, 31
Noticiabilidade, 30, 32
Núcleo, 82

O

Objetivo, 13
Obra, 50
Observação, 46, 92
Olhos, 92
Operários, 63
Opinião, 27

P

Padrão, 25
Panorama, 16
Papel, 16
Parágrafos, 82
Parâmetro, 11
Parcialidade, 24
Pauta, 83
Pedagogia, 83
Pedagógica, 20
Pena, 11
Perceptível, 92
Periódico, 46
Período, 44
Personagens, 93
Perspectiva, 13
Pesquisa, 13
Pesquisadores, 28
Pilares, 37
Pirâmide, 22

Poderá, 36
Políticos, 17, 20
Populares, 19
Portugal, 17
Prática, 96
Prensa, 20
Preocupa, 96
Presente, 11, 20
Prestígio, 23
Principais, 13, 14
Principalmente, 23
Problemáticas, 67
Produção, 17
Professor, 16, 17
Profissional, 53
Progressão, 19
Propaganda, 16
Próprio, 31, 35
Próprios, 92
Pseudônimo, 51
Publicidade, 21
Público, 31
Públicos, 19

Q

Qualitativa, 49
Quantitativo, 50
Questão, 38, 54

R

Rádio, 21
Realidade, 92
Redação, 92
Reducionista, 35
Referencial, 83
Reflexão, 70
Relevância, 66
Repercussão, 52
Reportagem, 43, 95
Reportagens, 45
Representação, 16
Resume, 16
Revisão, 11, 37
Revisar, 55
Revolução, 42
Rio, 43, 50
Roteiro, 33
Rua, 58

S

Sabido, 13
Salientadas, 11
Seção, 50
Segmentos, 20
Serviço, 33
Significativas, 56
Sindicato, 72

Síntese, 28

Sociedade, 13, 17

Subcategorias, 29

Suplementos, 23

T

Tatuadores, 61

Teatro, 21

Teatrólogo, 52

Técnica, 13

Tecnológica, 22

Telefone, 21

Tema, 13

Temáticos, 55

Terceiro, 14

Texto, 35

Textos, 13

Tipografias, 20

Trabalhador, 60

Trabalhadores, 14

Trabalho, 49

Trajectoria, 95

Turismo, 21

U

Ultrapassar, 14

Ultrapassou, 96

Urbana, 54

Útil, 17



Utilitário, 33

V

Validade, 13

Vê, 16

Veículos, 23

Veneza, 19

Vida, 16

Vinculado, 46

